

O desmembramento da União dos Interesses Económicos

A União dos Interesses Económicos, que foi fundada há poucos anos com um grande entusiasmo e com muitas girândolas de foguetes de retórica, está na agonia. E' uma agonia mais acentuada do que aquela que caracterizou sempre a sua débil vida.

Os paladinos dessa causa antipática—Pereira da Rosa, Amzalack e Carlos de Oliveira—que percorreram o país despejando as cornocópias da sua oratória, resolveram desinteressar-se da U. I. E.—levando consigo a única e principal força que era o jornal *O Seculo*. Assim, sem voz, a U. I. E. é um moribundo que nem sequer pode fazer ouvir o ruído do seu estertor.

Mas parece que os três «meneurs» não podiam afastar-se assim de pé leve, com o jornal às costas, visto que este não foi adquirido apenas por eles mas pelo conjunto de colectividades burguesas que constituíam a União dos Interesses Económicos. Sendo assim a transacção dos três cabeceiras assume um aspecto de incorrecção que se não toca os domínios do ilícito é porque os ultrapassa.

De resto, embora por palavras mais nubladas, o sr. José Maria Alvarez, presidente da Associação Industrial Portuguesa, confirma esta nossa asserção numa carta que dirigiu ao *Seculo* e que, por este não a publicar, fez inserir no *Diário de Notícias*. Eis o trecho citado:

«*O Seculo*, declarando que a sua administração resolveu desligar-se da União dos Interesses Económicos, confessa, implicitamente, que, até agora, tem sido órgão dessa instituição, como, de resto, todo o país sabe, de norte a sul. E nós consideramos que, pelas condições da sua aquisição, não pode, por simples vontade da sua administração, desligar-se para constituir propriedade particular de quem quer que seja, subtraindo-se à inspiração de uma entidade colectiva, impessoal, patriótica e criada para realizar um programa de interesse geral.»

E' de prever que a União dos Interesses Económicos queira reivindicar para si o direito, o soberano direito, de pôr e dispor do jornal que até há poucos dias foi seu órgão, não consentindo que três indivíduos dele se apossassem sem mais nem menos. *O Seculo* tem uma importância grande e pode ser a alavanca de muitos negócios. E assim como os três transfusos da U. I. E. o querem guardar bem guardado para servirem com ele os seus interesses extremamente particulares—tão particulares que talvez ocultem no seu âmago uma figura sinistra do meio industrial e financeiro—também por sua vez a União o quer porque sabe que sem ele está irremediavelmente condenada à morte.

E' certo que os interesses da U. I. E. são ilegítimos e odiosos. Mas Pereira da Rosa & C.º não se afastaram com *O Seculo* nas mãos por lhes repugnar a defesa desses interesses, mas para continuarem a defender melhor os seus únicos interesses e os do cambão a que se encontram cautelosamente ligados. De resto, nunca aquele jornal se fez verdadeiramente a defesa da U. I. E., mas simplesmente a defesa da U. I. E., mas simplesmente a defesa da U. I. E., ou menos encapotada de negócios que nem sempre aproveitavam, antes levavam, àquela organização burguesa.

Se a U. I. E. possuísse aquela celebrada força com que pretendia aniquilar a C. G. T., já teria encontrado meio de arrancar *O Seculo* das garras dos seus actuais dirigentes. Mas ela não passa de três iniciais cuja pronúncia exprime um grito doloroso—o grito das vítimas dos negócios dos srs. Rosa, Amzalack e Carlos de Oliveira.

Esta scisão mortal na organização do patronato português vem demonstrar que entre burgueses, mais movidos por ambições particulares do que por ideais colectivos, a moral é reles e mesquinha.

As suas zangas têm origens moralmente vergonhosas, onde entra muito o apêgo pessoal a bens materiais. Poderão dizer-nos que no movimento operário também há sciões. E' certo. Mas que diferença moral elas revestem! As sciões no operariado são motivadas pelo desejo ideal de escolher para o triunfo da causa colectiva os caminhos que

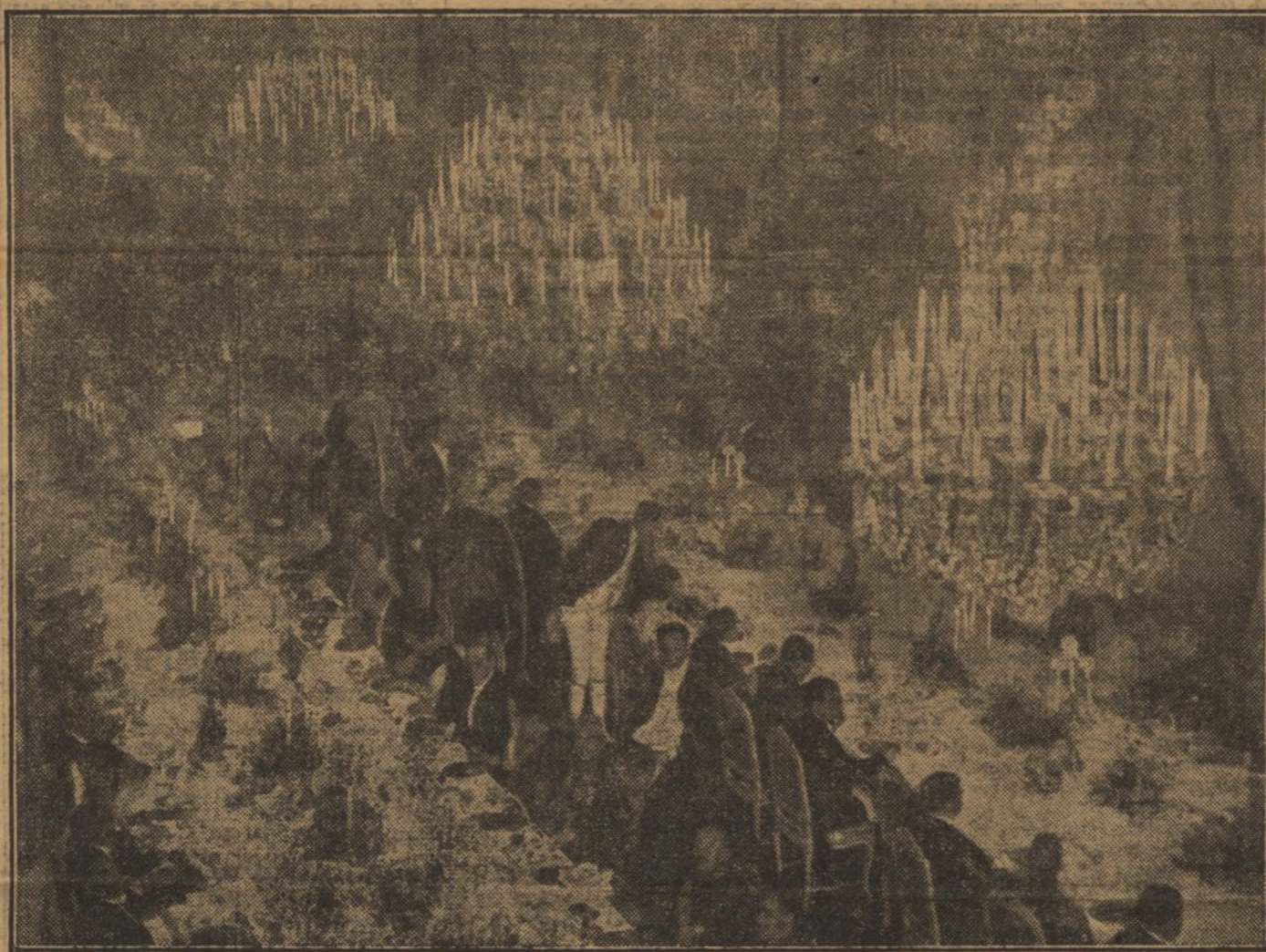
A VIDA DOS RICOS E A VIDA DOS POBRES

Emquanto em salões aristocráticos os ricos se refastelam com deliciosos manjares, em tristes espeluncas os pobres alimentm-se com pedaços de miséria

... E das finas notas orquestrais irradiavam estonteantes melopeias, dando uma nota de grandesa ao Salão que lhe impregnavam o ambiente de um sabor original, dir-se-ia oriundo de fantásticas regiões. Entretanto, em torno de riquíssimas mesas, orladas de talheres caros, começara a fazer-se a concentração dos convivas, titu-

lados em todas as expressões há uma nota de alegria por aquela vida magnificante, por aquele bem-estar, privativo de uma legião que ao Trabalho não dá uma scintilha do seu esforço e da sua inteligência.

Entretanto do fundo lúgubre do aposento vem a voz do mistério, transmitida pelo grito da turbamulta ali reunida em satânico festim!



...entretanto, em torno de riquíssimas mesas, orladas de talheres caros...

lares conhecidíssimos, financeiros, industriais, gente da primeira plana da sociedade. O barão Y, envolvido no seu *smoking*, acompanhava sorridente madame X, que da magnificante indumentária expelia subtis notas policromas, originárias dos cupidos olhares dos circunstantes. Mais além, a marquesa A tecia largos encómios à obra das congregações religiosas num misto de candura e de enervamento pelo impiedoso sarcasmo atesta.

E da orquestra continuam a partir, numa sucessão misteriosa, uniões piedosas das partituras de Chopin, que dão ao ambiente uma nota religiosa de fundo estremecimento.

Vai iniciar-se o banquete. No salão faz-se silêncio. Dos lustres despenham-se luzes multicores numa fantasia esasmódica que se perde naquele misterioso silêncio. Das camélias que ornamentam as mesas soltam-se engarrafadas esmeraldas aromatizando a atmosfera. E o tilintar dos talheres, o silvo de todo aquele movimento, enquanto os criados, calção branco e libré irrepreensível, atravessam lestos o salão, cortam os espaços, dando à função gastronómica um tique de sofreguidão.

A cozinha preferida foi a francesa. O primeiro prato, *Creme lousitain*, foi deglutido vorazmente. E segue-se, sem interrupção, outro: *Petits librettes à la cardinal*. Madame C. depois de criticar a cozinha portuguesa, consulta o *menu* e exclama: —*Poisson: Medallions de langoustes parisiens!*

E o criado, modo grave e ar circunspeto, vai trazendo ininterruptamente as mais deliciosas iguarias: *Entree: Tournedos à Rousini, Jambon d'York à Madrilaine*, primeiro. A seguir: *Legume: Asperges Rodel Souce Mausseline; Rôti: Dindonneau truffé; Entremet: Mille-feuilles au Chantilly, Bombe à la Vanille; Dessert: Vins, Champagne, Café et Liqueurs...*

mais belos se afiguram a cada um. O interesse material, a ambição personalista raro têm entrada nessas lutas.

Esta diferença de moral predominante nas classes burguesas e nas classes operárias dá bem a idea da realidade social do nosso tempo. Eles, os da U. I. E., são representantes de uma sociedade que agonia ao péso dos seus crimes e das suas desvergonhas, os operários representam uma nova moral em formação, mais elevada, à qual está destinado um incontestável triunfo.

ASSINEM Os mistérios do Povo

ções de tristesa, gritos de desdita dir-se-ia vindos da turba misteriosa. Os frequentadores do bizarro restaurante comprimem-se a custo no acanhado cacifo, onde se respira um odor de miséria, impregnado de suor e de vinho. Nos convivas há gente



...a mesa está coberta de taboleiros enegrecidos...

dos *bas-fonds* da cidade, criaturas que arrastam uma vida de dor e de tragédia. O ambiente é pesado e doentio. De configuração irregular não possui uma nota de vida, uma simples clareira de alegria. As paredes, os tetos, os pavimentos escuram sordidez. Há um negrume especial, característico de fuma, onde irradiam plangentes gritos de miséria.

A mesa está coberta de taboleiros enegrecidos, de odor pestilencial e de expressão repugnante. O cliente toma as suas refeições de pé, num misto de nostalgia e de

O menu é leve. Apenas duas sardinhas assadas comidos sobre um bocado de pão dessa nefasta Moagem, alguns decilitros de vinho e uma *económica*—uma tijela de caldo para rebater. Depois deste *suculento* manjar a luta pela conquista dos meios de



Alfredo MARQUES

A SEGUIR: Como se divertem os ricos e como se distraem os pobres.

Comentários justos a uma crónica de mulher

Escreveram-nos a carta que passamos a publicar:

«Sr. redactor de *A Batalha* e meu ilustre amigo.—Eu não sei se leu no *Diário de Lisboa* de quinta-feira—dia de São Martinho!...—no *Chá das Cinco* uma crónica da escritora Maria de Carvalho. Se houvesse feito essa leitura encontraria escrito por a articulista a seguinte frase: «E parece-me incompreensível que esse desgraçado, (refere-se a Zambini) no alvorecer da mocidade, quando era natural que os seus entusiasmos fossem para o Duce (e aqui aparece um hino em louvor de Mussolini)... se deixasse convencer pela invejosa perversidade dos que lhe arma-ram o braço quasi infantil...» Isto lê-se e a gente ao lêr treme: então

esta escritora—e quem escreve deve pensar...—acha «incompreensível» que um rapaz, espírito vivo e borbulhando em seu coração um ideal superior, levantado e nobre, detestasse o homem que só valor tem por ter vindo do *nada* e que hoje espesna brutalmente um povo, escravizando consciências, martirizando sentimentos e matando no ímo dos corações tudo o que é superior e belo? Onde está a «perversidade» dos que pretendem libertar a Itália do jugo fascista? Quem são os perversos? Que o responda a escritora Carvalho se o seu pensar não estiver anquilosado por influências delirantes dum partido político que tem como arma o «óleo de ricino» e como ideal o mais cruento... A crónica do dia de *São Martinho* que a escritora escreveu não é uma crónica é um vômito! Que diz a isto, senhor redactor? Seu amigo e admirador muito afeiçoado—Pedro da Silva.

OS PRESTAMISTAS...

Seria um crime imperdoável consentir que eles continuassem impunemente exercendo a sua desalmada exploração!

Estamos vendo, por parte da imprensa, um carinho e um interesse extraordinários pelos penhoristas. As vítimas nunca lhe mereceram tão amável deferência. Lá porque os prestamistas gritaram, com lágrimas de crocodilo nos olhos, que iriam cair na miséria, logo se sensibilizaram os corações—como se o mundo fosse acabar.

Nós também somos sensíveis à miséria alheia, mas neste caso, nunca nos esqueçamos das maiores vítimas—os explorados pelo vil negócio do empréstimo sobre penhores.

Toda a imprensa vem aceitando nas suas colunas a descarada defesa dos prestamistas e o mais curioso é que o próprio *Portugal*, que se intitula órgão do governo, publicou a representação que as vítimas dirigiram ao ministro das Finanças.

A *Batalha* já foram, desde o início da sua campanha, oferecidos anúncios rendosos de casas de penhores e até a publicação paga e bem paga à linha da aludida representação. A *Batalha*, porém, que é um órgão de opinião e não um organismo industrial como de facto são muitos dos jornais que se dizem apenas defensores de ideias—não aceitou agora, como nunca aceitou, anúncios daquela proveniência. Porisso lhe sobeja a autoridade que a outros jornais falta para atacar as pretensões indefensáveis dos exploradores da miséria.

O ataque a essa exploração dos penhores tem sido feito em vários países que melhor ou pior têm evitado a exagerada exploração. Países dos mais conservadores, têm, como a Espanha, a Bélgica e a Alemanha, dado ao problema as soluções mais ásperas para os interesses ilegítimos dos prestamistas. Porque motivo se há de permitir em Portugal que o roubo continue descarado e esmagador para as classes pobres?

Na Bélgica, as casas de penhores foram nacionalizadas, tendo os seus empregados sido mantidos nos seus lugares, pagos pelo Estado, como funcionários. Não foi lezado o público, porque os juros foram sensivelmente diminuídos, nem os empregados que não tinham culpa dos roubos do patronato. Os penhoris-

tas portugueses não querem emprestar a 18%, ao ano? Porque não passam as suas casas para a administração da Caixa Geral dos Depósitos, conservando-se os seus empregados? Mas seria preciso cuidado em não transformar essa nacionalização numa mina para os penhoristas.

Não temos a pretensão de suggestionar os poderes públicos com a nossa opinião. Não é nossa missão dar indicações a ministros. Apenas citamos um caso passado num país onde o problema dos empréstimos sobre penhores teve uma solução menos lesiva para os únicos interesses respeitáveis neste caso: os do povo e os dos empregados.

Permitir que os penhoristas continuem, como sinistros vampiros, a sugar e a viver da miséria popular, seria um crime imperdoável da responsabilidade de um ministro que principiou por assumir, neste assunto uma atitude simpática e sobre quem caíria a execração pública se transigisse com os exploradores.

Eles gemem, os prestamistas? Deixá-los gemer. Sejam as dores de barriga de agora, em desconto dos seus pecados anteriores... A dor redime—dizem—e eles que tantas culpas têm na consciência—a-pesar-do *Rebate* cantar a sua honestidade—podem redimir-se, em algumas horas de sofrimento, dos anos sem fim de sofrimento que infligiram à pobreza.

Os jornais burgueses são fartos em palavras piedosas para com os «pobresinhos» e, de quando em vez, apela para a caridade cristã dos seus leitores, em favor deles. Vem agora o Natal. E' a quadra da choroadeira burguesa em prol das suas vítimas. Abrem-se subscrições pomposas onde a generosidade brilha pela ausência. Ora, essa imprensa teria neste momento uma oportunidade excelente para mostrar o seu carinho pelas classes menos abastadas—atacando os seus exploradores. Mas estes pagam—a-pesar-da sua miséria—bons anúncios defendendo, em lamúria, as suas imoralidades e a imprensa «protectora dos pobres» atende mais depressa ao poder do dinheiro do que à força da razão.

O GRANDE ESCANDALO

Ricciotti tinha a cumplicidade activa de seu irmão

Sante Garibaldi era agente da maçonaria italiana afecta ao fascismo. A diplomacia francesa e fascista de acordo em abafar o escândalo

O escândalo que infamou o nome de Garibaldi toma proporções de uma ruindosa condenação de toda a sociedade burguesa. Sabe-se a que interesses políticos obedeceu a tenebrosa maçonaria de Ricciotti, que a polícia italiana generosamente pagou. A rivalidade entre o fascismo de Itália e a democracia da França, rivalidade nascida de interesses capitalistas e ambições imperialistas em antagonismo, deixou revelar-se a iminência de um grave conflito entre as duas nações.

O conflito iminente foi afastado pelo receio em que a diplomacia de ambos os estados se viu caída, pois o escândalo alastrava sempre, numa progressão pavorosa. A própria polícia francesa, inspirada certamente pelo governo, conseguiu inutilizar a intriga fascista e não quer seguir mais longe, procura abafar o escândalo.

Contudo, os factos revelam-se ante a estupefacta opinião pública, provando à evidência que as altas regiões condensaram e desencadearam a tempestade que poderia tornar-se um dilúvio aterrador se o interesse capitalista não guiasse a ambição imperialista melhor e mais decisivamente do que a sentimentalidade humana.

O papel de Ricciotti na desgraçada e condenável maçonaria de alta política é muito mais vasto, pois envolve a mulher e um irmão do protagonista. Acumulam-se as provas denunciadoras da cumplicidade de Sante Garibaldi, irmão de Ricciotti.

Em fins de 1925, Sante Garibaldi, de acordo com seu irmão, estabeleceu relações com vários emigrados políticos italianos, em Paris, propondo a publicação de um diário que ele próprio subsidiaria. As negociações entabuladas não surtiram o menor efeito.

Ricciotti, então, interveio. Em Bruxelas trava conhecimento com o adido italiano Calderani. Ao regressar de Bruxelas, Ricciotti declarou aos emigrados, já referidos, que o grão-mestre da franco-maçonaria italiana lhe confiara a missão de dissuadir os emigrados italianos em Paris de fundar um diário anti-fascista.

O pretexto era que a existência na capital francesa de um diário italiano anti-fascista provocaria represálias na Itália contra os amigos dos emigrados.

Sante Garibaldi, em Março de 1926, surgiu como representante de um «Instituto de auxilio financeiro» aos emigrados italianos.

Ora, o vice-presidente da Liga dos Direitos do Homem italiana declarou em público que Sante Garibaldi era, em França, o agente da secção da franco-maçonaria italiana que se juntou ao fascismo. A imprensa mais forte e directa presente que o irmão de Ricciotti estava ao facto dos seus planos, sendo ainda a vontade de ferro na elaboração e imediata execução de todas as tramas policiais do fascismo.

A senhora Garibaldi teve também nesta formidável intriga um papel que ainda não está esclarecido.

Provado está que Ricciotti Garibaldi era um espião bem pago da polícia fascista, que é dirigida pelo comendador Lapolla; expulso de França ao rebentar o escândalo. O papel do vendido limitava-se à indicação, delação e provocação dos actos de emigrados italianos.

A inculpação de Garibaldi seria a inculpação do fascismo italiano e da própria democracia francesa. Porisso, a polícia francesa procura apagar completamente o efeito produzido com a revelação súbita do plano infernal. Porisso, a própria conjuração dos sonhadores catalães vai sendo levada para o esquecimento.

As chancelarias diplomáticas já chegaram a acordo. A Espanha guarda a maior indiferença. A embaixada fascista em França teve largas conversações com o governo de Poincaré e as manifestações fascistas anti-francesas cessaram ao mesmo tempo que a polícia francesa descobria—à falta de directa culpabilidade de Garibaldi.

Enquanto não é expulso de França, Ricciotti aloja-se num hotel e vai alimentar-se em restaurantes. Apenas os imigrantes catalães continuam encerrados num quartel.

O perigo de uma guerra de conquista é que se mantem. Mussolini continuará fazendo preparativos, criando o ambiente com a provocação de incidentes, até que um facto de maior relevo seja o rastilho—tal qual o episódio de Serajevo.

O fascismo anseia pela guerra. E agitando a sanha nacionalista de um povo embru-

tecido, o imperialismo desenvolve a força necessária para o êxito das suas ambições. Nas fronteiras acumulam-se exércitos apinhados e municados. A Itália desafia. A França riposta. O perigo de guerra não diminui com o escândalo Garibaldi — antes progride até às proporções do inevitável.

Os catalães denunciam a cumplicidade de Garibaldi

PARIS, 15.—Depois da acaração entre o ex-maior italiano Ricciotti Garibaldi e o ex-coronel Macia, os dois depósitos foram então considerados sob prisão, recolhendo aos cárceres da Santa, sob acusação de detentores e distribuidores de armas e munições de guerra.

Esta manhã chegaram de Perpignan 26 conspiradores catalães e italianos, os quais se apresentaram com os seus fatos de campanha. A transferência dos presos, foi feita sem ter ocorrido o menor incidente, e registando-se um momento curioso de se manterem em silêncio, apesar do seu chefe os ter incitado a cantar o hino catalão.

Dois automóveis conduziram os presos à direção geral de segurança pública, onde nenhum deles se mostrou arrependido, reivindicando cada um a sua cota-parte de responsabilidade. O italiano Rizzoli declarou haver recrutado em nome de Garibaldi um grupo de 50 revolucionários italianos, dos quais 25 se encontram detidos. Rizzoli recusou-se a declarar o paradeiro dos outros 25, bem como a indicar os locais dos restantes depósitos de armas e munições que, segundo as suas declarações, servirão na próxima revolta.

O chefe do grupo italiano afirmou ainda que as armas escondidas na Catalunha espanhola não serão encontradas pelas autoridades. Todos os detidos elogiam o sincero papel desempenhado pelo ex-coronel Macia, afirmando ser patriotas que querem libertar a sua pátria. Relativamente à intervenção das autoridades francesas reconheceram ter sido feita com a máxima correção. —(L.)

OS AGENTES PROVOCADORES

"A monarquia será um facto, dentro em breve, em Portugal"

As Juventudes Monárquicas Conservadoras, que são constituídas por monarquistas de todas as idades, sem excluir os que já perfizeram setenta anos, efectuaram recentemente uma sessão comemorativa do 37.º aniversário do rei Manuel deposto em 1910. O pretexto era excelente para se pronunciar extensos discursos de apologia monárquica e de facto ela foi duma grande riqueza verbal.

Fizeram-se lá afirmações estranhas e duma excepção gravidade que vão causar uma grande impressão em todos os meios sociais.

O dr. sr. Mário de Aguiar, que foi deputado e é do Conselho Central das Juventudes, sendo, portanto, um dos dirigentes da causa monárquica, chegou a declarar «ter a maior esperança de que a luz da vitória que iluminou Afonso Henriques na batalha de Ourique, iluminará brevemente todos os portugueses ao assistirem ao regresso do rei exilado em 1910».

Terminou por afirmar que tem a certeza de que a restauração da monarquia será brevemente um facto.

Os oradores mais cotados da causa monárquica corroboraram estes estranhos e audaciosíssimos dizeres. O dr. Pinheiro Torres, até desfez algumas dúvidas declarando que «a maior desejo de D. Manuel é voltar a Portugal». Monarquia, para breve, está disposto a reinar... Que faltava ainda? Faltava alguma coisa, mas lá estava para preencher a lacuna o sr. Carvalho da Silva, este ex-deputado, fôgo do defensor da monarquia e dos senhores, apressou-se a aconselhar os monarquistas a apoiar a situação «mas sem quebra da sua ideologia realista» e caiu ao fundo, numa crítica violentíssima, aos republicanos, garantindo que eles nunca mais voltam ao poder. Nunca mais? Donde vem essa estranha certeza do senhor monarquista Carvalho da Silva? Provavelmente da afirmação do seu correligionário, dirigente da causa, dr. Mário de Aguiar, que promete para breve a monarquia com D. Manuel, sua jesuítica mãe e um massacrinhão dos que não estiverem de acordo...

Não queremos fazer o mais leve comentário a tudo isto, limitando-nos a perguntar se os discursos dos oradores monarquistas não equivalem ao incêndio dum rasilho ligado a uma pipa de pólvora? As afirmações de antontem são duma tal gravidade que nos recusamos até a não manifestar um grande receio pela imediatas consequências que delas podem resultar. Numa palavra: amordaçamos a nossa boca. Calamo-nos... e calamo-nos...

TEATROS

A peça «O Paralítico», no Teatro Nacional, registou nova enchente, tendo o público aplaudido vibrantemente todos os intérpretes. «O Paralítico», que retira de cena esta semana, sai do cartaz em pleno êxito, para dar lugar a uma das peças mais discutidas e de maior sensação nos teatros de Paris há dois anos, «O Homem e os seus fantasmas», do grande dramaturgo Les Normand, que Gémier criou no Théâtre National Odeon, que José Alves da Cunha vai interpretar. A beleza da peça e a interpretação que Alves da Cunha lhe vai dar serão motivos suficientes para chamar a casa de Garrett enorme concorrência.

O adeus de «O Pão de Ló»

Apenas mais noites e terá terminado, no «Avenida», gloriosamente, a carreira monumental, inédita e única do famoso e celebrizado vaudeville «O Pão de Ló», para dar lugar, na sexta-feira, 19, à reprise do desopilantíssimo vaudeville «O dr. da Rua» primoroso trabalho cómico de Estevam Amarante, deliciosa interpretação de Luísa Sanelela, que nesta peça exhibe lindíssimas toilettes e excelente conjunto de toda a Companhia.

A despedida de Isabel Fragoso

Constituiu sucesso a estreia do trio de cantos e de bailes espanhóis Sarah, Gaby e Petit Beby, que ontem se realizou no Teatro Salão Foz. Esta noite despede-se o primeiro soprano ligeiro português, Isabel Fragoso, que tanto êxito tem obtido nos trechos de ópera e nas lindas canções portuguesas do seu repertório. Carmen Chinchilla, bailarina espanhola, é um prodígio de baileiros. Pepita Camélia é uma artista «castiza», cujos bailes e «couplets» são sempre aplaudidos. E Yette Daurigny é uma espietosa completista francesa. Acompanha todos os números «Foz Melody Band».

Duas enchentes registou ontem o popular teatro Apolo com a representação da ópera «A Princesa Manequin» em sessões, a preços de cinema, pela brilhante companhia Almeida Cruz. «A Princesa Manequin» pode ser vista por toda a gente, pois que há lugares para todos os preços, desde o «fauteuil» a 1000 e a geral a 250.

No Ginásio realiza-se amanhã a representação da primeira peça nova da época, «A Petiza do Gato», comédia em 3 actos, de Carlos Arniches, tradução de Feliciano dos Santos, na qual a insigne comediante Amélia Rey Colaço vai interpretar o papel principal de «Guadalupe», criada em Madrid pela artista espanhola Catalina Barcelona.

Na quinta-feira, no São Luís, sobe à cena a célebre ópera em 3 actos, com 5 quadros, «O Príncipe Orloff», libreto e música do inspirado maestro vienense Granichstaedten. Nesta noite reaparece a distinta actriz Azuleira de Oliveira, fazendo um gracioso papel de bailarina russa.

Na forma do costume, a revista «Cabaz de Morangos» repete-se hoje no Eden em duas sessões.

Ontem no Coliseu dos Recreios estreou-se um número que se intitulava «A balia humana» e é executado pelo quadrado artista Hugo Zecchi, que é expedido pelo tiro de um canhão. Monstro que pesa 3000 quilos e que, colocado no palco, faz com que o homem granada, descreva uma trajectória passando pela parte mais alta da cúpula do Coliseu.

TEATRO AVENIDA
Telef. 11.335
O teatro mais popular de Lisboa
HOJE, às 21,30 Horas
COMPANHIA SATANAL-AMARANTE
Espectáculo sem igual em Lisboa e o único teatro que explora em todo o mundo o género da comédia musical.
O monumental «vaudeville»

O caso do restaurante «América»
No Instituto de Medicina Legal realizou-se ontem a autópsia no cadáver de José Gonçalves Vidal, que, como noticiámos, foi no dia 3 último agredido com duas facadas no ventre, no restaurante «América» na rua 1.ª de Dezembro. O seu funeral realizou-se ontem mesmo, saindo daquele Instituto pelas 15 horas para o cemitério oriental.

Imprevidência fatal
No Banco do Comércio de São José, foi pensado e recolhido a casa, Francisco Bolinas, de 23 anos, marítimo, natural e residente no Moita do Ribatejo, que quando examinava uma pistola esta disparou-se indo o projectil feri-lo numa perna.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Notas & Comentários

Mexicanizando?

O Colegiado Francês, que fica, ali pára a Almirante Reis, era um dos mais importantes da capital, devido ao grande número de alunos que possuía e ainda pelo seu programa de ensino que abrangia o curso completo dos liceus. Em matéria religiosa aquele estabelecimento de ensino era rigorosamente neutro.

Pois acaba de cair nas mãos do clericalismo. E seu director um padre — o prior da antiga igreja dos Anjos que é fronteira. Doravante os alunos irão todos os dias à missa, tendo de acatar o ténusado na sua dupla qualidade de reitor do colégio e de prior da igreja onde eles irão rezar e comungar.

A questão religiosa vai dentro em pouco agravar-se: vamos ficar transformados numa segunda edição do México devido aos meninos triunfantes dos que estão modelando este país pelo figurino da Espanha fradesca e jesuítica.

Cumprimentando «A Batalha»

Depois da manifestação fúnebre, a que na devida secção nos referimos, a excelente banda da Academia Instrução Musical Oitense veio antontem cumprimentar «A Batalha», gentileza que agradecemos penhorados.

Roubado e envenenado

A carestia dos géneros, merecê da pouca honestidade dos negociantes, continua a afligir a população. Os senhores mercadores, na febre de ganhar, reduzem pouco a pouco o povo à fome. E, não contentes com a carestia, deram agora em intensificar a indústria da falsificação de géneros que tanto contribui para definir os que outro remédio não têm sendo engulir todas as porcarias que, por alimento, aí se fabricam. Assim, o povo é duplamente vítima: roubado e envenenado.

Frederico Chopin

Em Varsóvia — Polónia — iniciaram-se as comemorações do centário de Chopin, o grande músico da tristeza e do mistério. Era filho de uma polaca e de um francês. A sua obra é extensa e de um melhor quilate. Dêla se destacam Nocturno, Scherzo e Marcha fúnebre. Expulso da Polónia, por questões políticas, acolheu-se em Paris onde fez quasi toda a sua carreira. Doente, teve na sua doença a principal inspiração de sua obra, que traduz uma forte melancolia e uma tristeza envolvente. As suas composições, que se caracterizam na sua época pela rebeldia contra as fórmulas clássicas, são executadas pelas orquestras de todo o mundo.

Bem feito...

A Associação dos Funcionários Coloniais deliberou numa reunião apresentar os seus cumprimentos ao dr. Manuel Alves da Cunha, vigário capitular de Angola. No intuito de cumprir tal deliberação resolveu a direcção daquela colectividade enviar ao vigário pedindo-lhe o favor de marcar o dia em que poderia receber uma comissão que iria apresentar-lhe os seus cumprimentos. Passaram os dias e o vigário não respondeu — o que deixou os funcionários muito achados. Hemos de concordar que a atitude do padre tem a sua razão de ser. E que diabo tem uma associação de classe que venha cumprimentar padres por mais coloniais que eles sejam?

Publicações literárias

O homem dos dois corações é uma curiosa novela de Rocha Martins que a empresa do Diário de Notícias editou e cuja capa foi primorosamente ilustrada pelo pintor Jorge Barradas. Pertence apegueu romance a uma colecção que vem de iniciar-se e que se propõe editar obras dos principais escritores da nossa época. Ao livro de Rocha Martins suceder-se-ão novelas de Reinaldo Ferreira, Wenceslau Fernandez Flores, Lourenço Caiola, Blasco Ibañez, Ferreira de Castro, Mario Domingues, Andrieu Pirandello, Henrique Rolão, José Francês e outros escritores de nomeada.

Os intrusos

O operário Manuel Ramos sentiu-se atingido por uma nossa nota contra um intruso que na Associação dos Pasteleiros atacou incorrectamente a C. G. T. E' certo que não incutimos o nome de ninguém, mas Manuel Ramos é que tem uma total e esclarecida consciência, por isso, apressou-se a desmentir à luz do dia o que ouvidos seus por malitimos que não se explicam. Em suma, Manuel Ramos declara: «que foi convidado a assistir à sessão como delegado de um organismo (que nós, desta vez, revelamos: o partido comunista); que declarou na referida sessão quem era, de onde vinha e para onde ia, sem ter ouvido o menor protesto; que disse na sessão o que tem dito, em toda a parte, a respeito da C. G. T. Publicamos de boa vontade os esclarecimentos do camarada Ramos, lamentando que a falta de espaço não nos permitia publicar a sua extensa carta na íntegra e no mesmo local, a pesar dos princípios invocados pelo nosso responsável».

Curiosos, fosse, bronquites, rouquidão, larangites, pigarro, mau hálito.

Curam-se rapidamente com as cigarritas medicinais BELSAÚDE VITERI

DEVE-SE ENGULIR O FUMO. O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

Fórmula fraca — pacote 3500
forte — carteira 4500
fortíssima — carteira 5500

Depósito: Vicente Ribeiro & C.

RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º DI.

TELEFONE N. 5474
ÀS 21 HORAS

YOLANDA
HOJE, DE PRINCÍPIO
Reconstituição histórica, em 2 jornadas, com
Marion Davies, Ralph Graves,
Holbrook Blinn, Lyn Harding e
Johnny Doyley,
ENREDO EMBOGALANTE

O casamento da Libélula

(Benevolência artística)

UMA CINÉ-FARÇA

UM DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS

PIRILAU NO BOSQUE

(Benevolência artística)

A propósito de uma afirmação

A fim de esclarecer a atitude da Federação Ferroviária no caso das Federações de Indústria perante o Conselho Confederado pedimos ao camarada Júlio Cesar de Sousa Vilas Boas a publicação do seguinte esclarecimento:

Camarada redactor da «Batalha» — Na local «Vida Sindical», publicada na «Batalha» de ontem, na parte referente à primeira reunião do novo Conselho Confederado, diz-se que Mário Castelhamo afirmou que a Federação Ferroviária não concordou com a atitude das Federações.

Para esclarecimento deste assunto apressamo-nos a informar que a circular das Federações, enviada à Federação Ferroviária não foi apresentada, e «ipso facto» discutida pela respectiva Comissão Executiva, pela circunstância de ter sido sonegada, por Mário Castelhamo e Rijo, aos restantes membros da referida Comissão. E, camarada redactor, é este certo ponto curioso, o que se passou na reunião do Conselho Federal, porquanto tendo a circular sido apresentada à mesa do referido Conselho, e camarada que presidia lembrou a conveniência da mesma circular não ser lida por já ser do conhecimento de todo o Conselho, quando é certo que, fazendo-o parte da Comissão Executiva, não tinha conhecimento que ela tivesse sido recebida pela referida Comissão.

Este assunto foi ventilado na última reunião de 9 do corrente, não tendo havido tolerância alguma por parte de Castelhamo, tolerância aliás apregoadá, num dos seus considerandos da moção apresentada na reunião do novo Conselho, quando é certo que só a sua atitude se deveu a ter perdido a demissão do cargo de secretário técnico da Federação Ferroviária.

Como acho estas explicações necessárias, rogo o favor de camarada redactor fazer publicar na «Batalha», o que agradeço.

Vosso camarada, Júlio C. de S. Vilas Boas
(Ferroviário sindical do Sul e Oeste)

Eleições aguercidas na Índia

Por telegrama recebido da Índia, sabe-se que ante-ontem, por ocasião da eleição para vogal do Conselho Superior das Colónias, cujo apuramento ficou incompleto, houve graves desordens em duas assembleias, ficando feridos com facadas vários europeus, sendo dois de gravidade, e um indiano morto e vários feridos, tendo a polícia conseguido restabelecer a ordem.

A noite um grupo de europeus assaltou a sede da Liga Indígena, queimando o mobiliário.

Epidemias na Guiné

O governador da Guiné telegrafou ao governador da Gambia, pedindo informações sobre o que havia sobre peste febre, amarela, sendo-lhe respondido que ali não existiam essas epidemias. Informações extra-oficiais dizem que elas existem efectivamente, tendo já havido várias vítimas. O governador da Guiné pediu autorização para abrir um crédito de 200 contos a fim de fazer face às despesas com a brigada sanitária para evitar a propagação do mal na provincia, requisitando para essa brigada médicos.

Carteira perdida

O operário da construção civil Manuel Cipriano pede a pessoa que achou a sua carteira o favor de devolver somente os papéis que ela continha. Desiste do dinheiro e da carteira.

TEATRO NACIONAL
HOJE
Telef. N. 3049

A's 21 horas: representação

do sensacional drama em 4 actos

O PARALÍTICO

peça que todos devem ir ver para apreciar o notável trabalho do ilustre actor

ALVES DA CUNHA

O mais artístico espectáculo da actualidade

Hemorroidal

Curam-se evitando operação, tanto interno como externo, em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receta completa, 30\$000.

Curam-se rapidamente com as cigarritas medicinais BELSAÚDE VITERI

DEVE-SE ENGULIR O FUMO. O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

Fórmula fraca — pacote 3500
forte — carteira 4500
fortíssima — carteira 5500

Depósito: Vicente Ribeiro & C.

RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º DI.

TELEFONE N. 5474
ÀS 21 HORAS

YOLANDA
HOJE, DE PRINCÍPIO
Reconstituição histórica, em 2 jornadas, com
Marion Davies, Ralph Graves,
Holbrook Blinn, Lyn Harding e
Johnny Doyley,
ENREDO EMBOGALANTE

O casamento da Libélula

(Benevolência artística)

UMA CINÉ-FARÇA

UM DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS

PIRILAU NO BOSQUE

(Benevolência artística)

A BATALHA na provincia e arredores

Mina de S. Domingos

A exploração da Empresa e a inconsciência da alguns operários

MINA DE SÃO DOMINGOS, 14.—Há mais de um mês que desde a nouseabunda taberna até aos lugares privados da burguesia local se diz «vemal o Rich».

O Rich, aquele célebre Rich que atentou contra a sua própria residência na madrugada de 19 de Abril de 1924 para amedrontar os incautos, veio visitar-nos... Bossui ainda aquele risinho sardónico e aleivoso com que premiava os indigentes, com que feria os outros e corava as suas injustiças. Conta em absoluto com a curvatura dos que deviam chamá-lo à responsabilidade pelas diatribes que praticou! Enviamos como saftidação ao Rich o aspecto das suas vitimas!

O ex-gerente Frederich Jon Rich, apesar de ter acertado quando disse que muitos operários mais tarde abandonariam a associação e blasfemariam contra o tesoureiro e os da direcção, foi o maior responsável da desunião e deu motivo a rancorosos ódios que se manifestaram desde as hostes reaccionárias até às democráticas. Se não fossem as perseguições outro galo lhe cantaria!

Diz-se que as instâncias dele o actual gerente — seu discípulo — vai adquirir para os seus antigos lugares os operários injustamente despedidos, porque assim prometeu aquele ex-gerente, ao ministro do trabalho...

Por outro lado a empresa mineira está admitindo crianças para trabalhos onde só devia empregar homens. A exploração sobre os menores, bem como sobre os adultos, está sendo desumana e criminosa!

O Sindicato dos Mineiros, tendo em atenção resoluções anteriormente tomadas, vai reclamar contra este ex-gerente baseando as suas reclamações em factos passados que mereceram a sua repulsa.

O Grupo de Propaganda e Estudos Sociais desta localidade faz distribuir por todo o distrito um pequeno mas vibrante manifesto pondo de sobreaviso a classe trabalhadora em especial, as «policías», etc... Ainda assim não vá o Rich fazer das delé...

Uma comissão de operários inconscientes anda «pedindo» para uma palhada religiosa... Deve bater certo... demais, com um papirica devasso, industrial e proprietário, batoteiro e mais o que a seu tempo diremos!

No Teatro da Empresa desde aquela em que ali foi recitado o poema social «Mundo Agonizante» são os directores da Mina que escolhem as representações. Há semanas um «Dho» pretendeu representar «Um Erro Judicial», tanto bastou para que fosse expulso dos terrenos da Mina!

Alhandra

Indiferentismo operário

ALHANDRA, 14.—O operariado desta vila encontra-se a braços com uma grande crise de trabalho. A culpa disso cabe em grande parte ao seu indiferentismo em matéria associativa, visto que não existe nesta vila um único sindicato.

A classe mais diretamente atingida pela crise de trabalho é a têxtil.

Porque não se organizam neste momento em que as fãla de sindicatos tanto se faz sentir? Se o não fizerem dentro em pouco a fome acabará por os vitimar, a não ser que prefiram morrer sem fazer um gesto de defesa. A sua apatia, nesta ocasião, constitui um crime contra eles próprios e contra suas famílias.

Tortozendo

Uma escola que ameaça desmoronar-se

TORTOZENDO, 15.—O edifício da escola desta vila está quasi inabitável: as paredes ameaçam ruína e o telhado está quasi desmoronado. Dentro em breve, se providências não forem tomadas, assistiremos ao seu desmoronamento. E só por um verdadeiro acaso não haverá vítimas, visto que a derrocada pode dar-se a hora das aulas. Então, muitas crianças ficarão soterradas nos seus escombros. Nessa altura é que surgirão ideias, iniciativas e lágrimas piedosas que não terão o poder de ressuscitar as inocentes vítimas.

Ainda há pouco tempo houve um incidente semelhante em Alhos Vedros. Mas de coisas mínimas não cura o preitor e as vidas das crianças que frequentam as escolas são realmente coisas mínimas.

O horário de trabalho não é aqui cumprido. A classe têxtil que é a mais numerosa e é a única que está sindicalizada, vive num indiferentismo depravado. A classe da construção civil que bem podia formar um sindicato nem nisso pensa e até parece ignorar que as 8 horas são a mais valiosa regalia operária, cuja obtenção tantos sacrificios custou.

Purgações

Prostatites

Curam-se radicalmente no Farm. Ultramarina, R. de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes, curam-se sempre.

OS QUE MORREM

Valentim Martins

Efectua-se hoje, pelas 15 horas, do Instituto de Medicina Legal para o cemitério de Benfica, o funeral do operário electricista, ajudante da Companhia do Gás e Electricidade, Valentim Martins, vítima de um desastre na sexta-feira última quando se encontrava no desempenho da sua profissão.

Manifestação fúnebre

A banda da Academia Instrução Musical Oitense realizou antontem uma manifestação de saudades pelo seu antigo maestro José Jacinto Espada, de cujo falecimento passava o 1.º aniversário, tendo organizado um cortejo que de Belém foi ao cemitério da Ajuda, depór-lhes na campa do malogrado artista.

Um desmentido oficial

Dizem-nos da Arcada: «Segundo informação das estações oficiais, é inexacto que o director geral de saúde vá receber aumento de vencimento; pelo contrário, continuará percebendo o seu antigo ordenado, de importância inferior à consignada, para os seus imediatos subordinados».

Luta de classes

A greve dos mineiros ingleses

Os chefes da Federação procuram transigrir com o governo

Londres, 11 de Novembro.—A conferência dos delegados dos mineiros aprovou por unanimidade uma moção que dá plenos poderes ao comité executivo da Federação para reatar as negociações com o governo.

Esta decisão tem sido interpretada com a transigência dos mineiros na questão do horário de trabalho. O comité executivo dos mineiros, todavia, mostra-se disposto a aceitar acordos regionais que regulem a questão do horário, desde que neles sejam reconhecidos alguns pontos dos acordos nacionais propostos.

Os chefes mineiros pretendem também propor ao governo a constituição de um tribunal arbitral de carácter nacional, com o objectivo de coordenar e rever, quando se julgar necessário, os acordos regionais.

Um dirigente da Federação dos mineiros declarou que a tolerância do governo, no que diz respeito à constituição de um tribunal, qualquer que fosse o critério do patronato das minas, tornaria fácil que as questões se regulassem. Contudo, se o governo encarasse a aceitação de um compromisso sobre as horas de trabalho como uma manifestação de fraqueza dos mineiros em luta e tomasse de seguida uma atitude de serenidade, as negociações cessariam definitivamente.

Fizeram-se diligências continuas para o reatamento das negociações, sendo improvável o fácil entendimento. O comité executivo deixou, porém, transparecer que a única questão que ficou por decidir foi a que se refere à constituição, função e poderes do projectado tribunal arbitral nacional.

Horário de trabalho no comércio

Em Alcântara, na Rua de Gilberto Rôla, n.º 14, realiza, hoje, o Sindicato dos Empregados, no Comércio e Indústria de Lisboa, às 21 horas, a 1.ª sessão da 2.ª série de sessões de propaganda associativa que esta associação pretende realizar e para esclarecer o rigoroso cumprimento do horário de trabalho.

Para conhecimento dos empregados comerciais, nesta sessão, também se apresentarão os trabalhos efectuados por aquele organismo, com referência ao impedimento por completo da circulação de carros de tracção humana a fim de serem abolidos de vez tão humilhantes meios de condução de mercadorias.

Os «chauffeurs» de Braga

a exemplo dos seus camaradas de Lisboa, protestaram contra as projectadas medidas do governo que lhes dificultarão o exercício da sua profissão

Reuniram na sexta-feira, dia 12, em assembleia magna, os «chauffeurs» de Braga, para tomarem conhecimento das «demarches» realizadas junto do governo sobre o projectado decreto que contém disposições prejudiciais em extremo para os condutores de automóveis.

A reunião, a que assistiram todos os que naquela localidade fazem do volante profissão, presidiu Francisco Marques Braga, secretário dos delegados das Associações de Classe dos Chauffeurs de Lisboa e Porto.

Depois do presidente explicar os fins da reunião, usou da palavra o delegado da Associação de Classe dos Chauffeurs do Sul, que relatou todo o trabalho realizado pela comissão delegada das Associações dos Chauffeurs portugueses: no sentido de obter, a que sejam, postas em vigor as medidas que afetam a classe, lendo cópias de exposições entregues ao governo. Referiu-se depois às constantes reclamações feitas aos governos anteriores pedindo para que fosse actualizada a legislação sobre circulação de automóveis, visto ser antiquada e por isso não corresponder à necessidade consequentes do desenvolvimento do automobilismo no país, reclamações essas que nunca mereceram a atenção de nenhum governo. Terminou dizendo que da entrevista havida com o sr. ministro do Interior, ficou-lhe a impressão de que as medidas que vão ser adoptadas serão rigorosíssimas, a ponto de tornarem impossível o exercício da profissão de chauffeur.

O delegado da Associação de Classe dos Chauffeurs do Norte, nas suas considerações, pintou claramente a situação miserável em que ficarão os chauffeurs profissionais se vierem a ser um facto as anunciadas medidas repressivas. Diz ser uma afronta a não admissão de fiança ao condutor que tiver a infelicidade de ocasionar um desastre de que resulte vítimas, e combate por ser ridícula a apreensão do carro naquele caso.

O presidente da mesa, num veemente discurso, mostrou quanto são aviltantes e desumanas as disposições anunciadas e lastimou que o actual governo, saindo duma revolução, ao contrário das promessas que fez, negue o direito à vida a uma classe laboriosa e honrada, como paga do papel que os chauffeurs de Braga tiveram na referida revolução.

Depois de outros camaradas se referirem ao assunto com palavras de aspera censura, a assembleia aprovou por aclamação uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Dar todo o apoio aos trabalhos efectuados

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95800
Madrid, cheque		2599
Paris, cheque		563
St. Petersburgo, cheque		5378
Bruxelas, cheque		555
New-York, cheque		19360
Amsterdã, cheque		7584
Háia, cheque		185
Brasil, cheque		2370
Praga, cheque		558,5
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2377
Berlim, cheque		4567

TEATROS
Nacional. — A's 21,15. — O Parafuso.
Avenida. — A's 21. — O Pão de Ló.
Trindade. — A's 21,15. — Revue des Reves.
Politeama. — A's 21. — Se eu quizesse...
São Luis. — A's 21. — Maravilhas. (A La Cessera).
Ginásio. — A's 21. — Sonho de uma noite de Agosto.
Apelo. — A's 20,30 e 22,30. — A Princesa Manequim.
Eden. — A's 20,45 e 22,45. — Cabaz de Morangos.
Variedades. — A's 20,30 e 22,45. — Sarcófago.
Maria Vitória. — A's 20,30 e 22,30. — Pisidíada.
Coliseu. — A's 21. — Companhia de circo.
Salão Foz. — A's 15 e às 20,30. — Variedades.
Avenida Parque. — Diversões.

CINEMAS
Tivoli. — Avenida da Liberdade. — Olimpia. — Matinees e soirées. — Salão Central. — Praça dos Restauradores. — Chiado Terras. — Rua António Maria Cardoso. — Cinema Condes. — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema. — Rua Francisco Sanches. — Salão Ideal. — Rua do Loreto. — Eden Cinema. — Rua do Alentejo (Alcântara). — Cine Paris. — Rua Ferreira Borges. — Alhambra. — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa. — (Mouraria). — Cine Esperança. — (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatômetro. — Salão da Promotora. — A's 20 horas.

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 93
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões. — Dr. Armando Naveira. — A's 8 horas.
Cirurgia, operações. — Dr. Bernardo Vilar. — 10 horas.
Rins, vias urinárias. — Dr. Miguel Magalhães. — 10 horas.
Doença e sífilis. — Dr. Correia Figueiredo. — 11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia. — Dr. L. Loff. — 2 horas.
Doenças dos olhos. — Dr. Mário de Matos. — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos. — Dr. Mário Oliveira. — 12 horas.
Estômago e intestinos. — Dr. Mendes Belo. — 3 horas.
Doenças das crianças. — Dr. Emilio Paiva. — 2 horas.
Doenças das mulheres. — Dr. Filipe Mano. — 12 horas.
Tratamento de diabetes. — Dr. Ernesto Romão. — 3 horas.
Boca e dentes. — Dr. Armando Lima. — 10 horas.
Cancro e rádio. — Dr. Cabral de Melo. — 1 hora.
Mio X. — Dr. Azeite Salgado. — 1 hora.
Análises. — Dr. Gabriela Beato. — 1 hora.

Grande Lotaria do Natal
a 23 de Dezembro
Prémio maior 4.000.000\$00
imediatos 1.200.000\$00
Única lotaria que rivaliza com a lotaria de Espanha
7ª renda bilhetes a mil, 65000\$00. Metas a 500
Para a província açoreana o porto do correio
CAMBIO — Compra e vende as melhores peças do mercado, notas, moedas nacionais e estrangeiras e coupons
Pedidos a D. E. Gouveia & Silva
Suc. Manuel Alves da Silva Neves
84 — RUA DA ASSUNÇÃO — 86
Próximo à Rua de Ouro

Edições SPARTACUS
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.
A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.
Depósito: Livraria Renascença, rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 30-B. 2.º

"HERPETOL"

—) Dá um (—
Alívio instantaneo



SOFRE DE COMICHA? É provocada pela ECZEMA ou outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente a comicha.
O "HERPETOL" CURA. A atestação tem os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do "HERPETOL" é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, ou seja, a causa de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDELURAS DE INSETOS, ECZEMAS, HEMOIDES, SICO e ECZEMAS DURAIS.
Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL", o melhor remédio que até hoje apareceu.
A venda nas principais farmácias e nos depósitos em Lisboa, Rua da Prata, 237, 2.º.

FABRICA
cladribos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º
Acabam de chegar muitos pacotes de boas fazendas de lã para venda directa, das fabricas do publico, que vendemos por preços baixos e baratos. Estão em quantidade desde Esc. 1400 o metro. Grande sortimento das principais fabricas do país, e um esculho a preço de fazendas estrangeiras que vendemos por preços sem comparação. Ha feitos e fazendas por medida, sobretudo para homens e crianças desde Esc. 180\$00. Casacos de senhores desde Esc. 120\$00.
Tem ollatario para a sua enorme clientela.
Executam-se fatos em 24 horas
Manda amostras para a provincia e em Lisboa ao domicilio

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, funidos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a:
FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.
Pedidos a administração de A Batalha.

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926
Prémios maiores 4.000.000\$00
imediatos 1.200.000\$00
Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, cautelas a 6\$00. Pelo correio mais \$80.
Pedidos a

Camião & C.ª
116, RUA DO AMPARO, 116
LISBOA

Instituto dos Ferrovários do Sul e Sueste

ANUNCIO

A Direcção do Instituto dos Ferrovários do Sul e Sueste faz publico que, indo inaugurar solenemente, no dia 1 de Janeiro de 1927, o referido Instituto, está aberto concurso documental para a admissão duma regente, sendo preferivel a que apresente carta de professor do magisterio primario e atestados de já haver exercido a direcção dum estabelecimento de beneficencia e de educação de crianças.
Os documentos recebem-se até ao dia 30 do corrente mês no Serviço da Caixa de Reformas e Pensões dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Rua de São Mamede (ao lado do Sueste, onde se dão todas as explicações necessárias). — Pela Direcção, O Presidente, João dos Santos Pimenta.

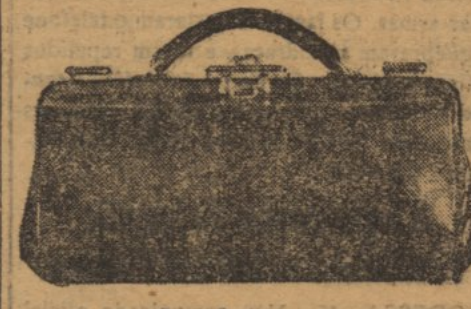
Companhia dos Caminhos de Ferros Portuguezes

DIRECCÃO GERAL
Concurso para a admissão de praticantes de escritório dos serviços centrais durante o ano de 1927.

Até 6 de Dezembro p. f. está aberto concurso para admissão de praticantes de escritório dos Serviços Centrais desta Companhia, nas vagas que se derem durante o ano de 1927.
O programa do concurso e demais condições estão patentes na secretaria da direcção geral (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias uteis, das 10 às 13 e das 14,30 às 16,30 horas, para os candidatos de Lisboa.
Para os candidatos de fora de Lisboa dão-se todos os esclarecimentos por correspondência.
Lisboa, 3 de Novembro de 1926.
O director geral da Companhia — a) Ferreira de Mesquita.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA
E' o titulo do n.º 10 da interessante colleção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo generico de *Novela Social*, encontrando-se a venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.



MALETAS DE CABEDAL
em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabrilante
— EM —
A ORIGINAL
RUA DA PALMA, 266-A

NINGUEM!! NINGUEM!!
deve comprar casacos para senhoras e crianças em peluches de lã, peluches de seda e de outros tecidos de lã modernos e sobretudos para homens
sem primeiro ver na
CASA MARIPOSA
RUA DOS FANQUEIROS, 87 a 91

SECCAO DE LIVRARIA DE "A BATALHA" PUBLICAÇÕES SOCIOLÓGICAS

Organização Social (Sindicalista) 3\$00
Antonelli, — A Rússia bolchevista, ... 2\$00
Cura Merlier, — A razão dum padre Dufour, — O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes), 8\$00
Emilio Bossi, — Crisot nunca existiu, Geo Williams, — Relatório dos delegados do I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou, 1\$00
Gustavo Le Bon 1\$00
As primeiras consequências da guerra 8\$00
Ensinamentos psicologicos da guerra europeia 8\$00
Leis psicologicas da evolução da Povo (etc.), 6\$00
Guyau, — Ensaio duma moral da obrigação nem sanção 5\$00
Educação e Hereditariedade 4\$00
Hamon 5\$00
A conferência da paz e a sua obra 5\$00
As lições da guerra mundial, 8\$00
O movimento operário da Grã-Bretanha 5\$00
Psicologia do socialista-anarquista 5\$00
A crise do Socialismo 5\$00
A psicologia do militar profissional 5\$00
Henrique Leao, — O Sindicalismo, 4\$00
Heliado Salgado 10\$00
Jean Grave 5\$00
A sociedade futura 5\$00
O individuo e a sociedade 4\$00
Joseph J. Elton, — Unionismo industrial 5\$00
Julio Guesde, — A lei dos salarios 5\$00
Justus Ebert, — Os I. W. W. na teoria e na pratica 3\$00
Kropotkin 1\$00
Anarquia, sua filosofia e seu ideal 1\$00
A Grande Revolução (2 vol.) 1\$00
A moral anarquista 5\$00
Os bastidores da guerra 1\$00
O Estado e o seu papel historico 1\$00
Lazare, — A Liberdade 5\$00
N. Lenin, — Os problemas do poder dos Sovietes 1\$00
O Estado e a Revolução 4\$00

Assoc. de Soc. Mútuas «República Portuguesa»
Sede — Rua do Povo dos Negros, 153; 2.º — Lisboa
A fim de se proceder à eleição dos corpos gerentes para o ano de 1927 e res pectivo delegado à Previdência Social, convoco a reunião da assembleia geral para o dia 18 de Novembro do corrente ano, na sede, pelas 21 horas.
Não comparecendo neste dia o número de sócios necessários para o funcionamento terá lugar a reunião em 2.ª convocação e nos termos legais no dia 27 do dito mês, no mesmo local e a mesma hora.
Lisboa, 10 de Novembro de 1926. — O Presidente da Assembleia Geral, Carlos Paulo.

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira, — a antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

MALETAS DE CABEDAL

em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabrilante
— EM —
A ORIGINAL
RUA DA PALMA, 266-A

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO
Abel Botelho — Anarquismo 10\$00
Alexandre Herclano 18\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes), 18\$00
Cartas (2 volumes), 18\$00
História da origem e desenvolvimento da Inquisição em Portugal (3 vols.), 27\$00
Adolfo Lima 10\$00
Contracto do Trabalho 5\$00
Educação e ensino 1\$50
O ensino da história 3\$00
Aquilino Ribeiro 3\$00
Anatole France 10\$00
Estrada de São Tiago 10\$00
Jardim das Tormentas 10\$00
Via Sinuosa 10\$00
As Filhas da Babilónia 10\$00
Terras do Demônio 10\$00
Augusto Machado — Impossível redenção (novela) 2\$25
Augusto de Sousa — Folhas perdidas (Fados) 10\$00
Bento Faria — Missa nova (teatro em verso) 2\$00
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus 4\$00
Buckner, — O homem segundo a ciência 12\$00
Fôrça e Matéria 12\$00
Charles Darwin — Origem das espécies 14\$00
Campos Lima 5\$00
O Estado e a evolução do Direito 5\$00
O Amor e a Vida 2\$00
Cecilia dos Pobres 2\$00
A Revolução em Portugal 6\$00
Cristiano Lima — A escola de Nan-Alvares (novela) 2\$25
Duarte Lopes — Frei Sanguê 5\$00
Ega de Queiroz 18\$00
O crime do Padre Amaro 18\$00
O primo Basílio 18\$00
O Mandarim 8\$00
Os Maias (2 vol.) 28\$00
A Reliquia 15\$00
A Cidade e as Serras 12\$00
Fradique Mendes 9\$00
Cassamir 15\$00
Prosas Bárbaras 10\$00
Ecos de Paris 9\$00
Cartas Familiares 9\$00
Cartas de Inglaterra 9\$00
Minas de Salomão 9\$00
Notas Contemporâneas 15\$00
Ultimas páginas 15\$00
Contos 15\$00
Ernesto Haeckel 20\$00
História da Criação 5\$00
Origem do Homem 14\$00
Monismo 4\$00
Religião e evolução 6\$00
As maravilhas da vida 14\$00
Faguet, — Iniciação filosófica 5\$00
Iniciação literária 10\$00
Faria de Vasconcelos 5\$00
Problemas escolares 5\$00
Por terras de além mar 5\$00
Ferreira de Castro 2\$50
Sangue Negro 8\$50
Sedas de Lirismo e de Amor 6\$00
A Peregrina do Mundo Novo 8\$00
F. Castro e E. Frias — A Boca da Esfinge 8\$00
Flamarion 5\$00
Iniciação astronômica 5\$00
Contos de luar 5\$00
Como acabar o mundo 7\$00
Os habitantes dos outros mundos 4\$00
Felix le Dantec, — As influências astrais 10\$00
Atismo 6\$00
Fialho de Almeida 10\$00
Lisboa Galante 9\$00
Estâncias de Arte e Saúde 9\$00
Figuras de destaque 9\$00
Atores e Autores 9\$00
Contos 9\$00
A Esquina 9\$00
Aves Migradoras 9\$00
Barbear, Pentear 9\$00
Cidade do Vício 9\$00
Pasmantas 10\$00
Paras das Uvas 9\$00
Saibam quantos 9\$00
Vida errante 9\$00
Vida irônica 9\$00
Guerra Junqueira — A morte de D. João 10\$00
Musa em férias 9\$00
Os Simples 7\$00
A velhice do Padre Eterno (Educação de luxo) 14\$00
Broméada 10\$00
Gorki, — Os Degenerados 4\$00
Os Vagabundos 4\$00
Na Prisão 2\$50
Isen, — Espectros 4\$00
Casa de bonecas 5\$00
Jaquetin, — História Universal, 2.ª. Jaime Cortezão, — Adão e Eva (teatro) 5\$00
José Benedito — A ciência redentora (novela) 2\$25
Jesus Pelxoto — O mestre geral (novela) 2\$25

Jorge Teixeira — Gatunos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro) 2\$50
Juliano Quintinha 8\$00
Visinhos do Mar 8\$00
Cavalgada do Sonho 8\$00
Terras de Fogo 8\$00
Dor vitoriosa (novela) 8\$25
Lalenti — Iniciação matemática 5\$00
Malvert, — Ciência e Religião 10\$00
Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela) 2\$25
Anastácio José (diem) 2\$25
Manuel Ribeiro 2\$25
Poder redentor (novela) 2\$25
Mirbeau — O Jardim dos Suplícios 4\$00
Nogueira de Brito 15\$00
— Memórias de Angela Pinto 2\$25
Sangue Fido (novela) 2\$25
Nôa, dia a dia (novela) 2\$25
Pargame — Origem da vida 8\$00
Oliveira Martins 15\$00
Helenismo e a Civilização Cristã 15\$00
História da Civilização ibérica 15\$00
História da República Romana (2 volumes) 30\$00
História de Portugal (2 vol.) 30\$00
Racis Humanas (2 vol.) 30\$00
O Brasil e as Colônias Portuguezas 15\$00
Cartas Peninsulares 15\$00
Sistema dos mitos e ficções religiosas 15\$00
Orlando Marçal 6\$00
Águas claras 1\$00
Imagens de Sonho 1\$00
Raul Brandão 10\$00
Os Pescadores 10\$00
O Teste 8\$00
Spencer — Da Educação (br. 5\$00) enc. Sobral de Campos — Dois tiros (novela) 2\$25
Toistol 4\$00
Ana Karenine (3 vol.) 15\$00
Toulouse, — Como se deve educar o espírito 4\$00
Wenceslau de Moraes 12\$50
Dai-Nippon 12\$50
Victor Hugo 10\$00
França e Belgica 15\$00
O Reno (2 vol.) 40\$00
Os Miseráveis (2 grossos vol.) ilustrados, encadernados 40\$00
Zola 12\$00
A Taberna 5\$00
Tereza Raquin 8\$00
Alegria de viver (2 vol.) 8\$00
A conquista de Plassans, (2 vol.) 20\$00
A fortuna dos Rougons, (2 vol.) 8\$00
Uma página de amor 9\$00
Dr. Pascal 9\$00

FOLHETO
Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja 1\$00
A Evolução legal e a anarquia 3\$00
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade futura 5\$00
José Prat, — A burguesia e o proletariado 5\$00
A necessidade da Associação 5\$00
Content, — Contra o confusãoismo, Alfredo Meves Dias, — Razão (poema social) 5\$00
Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social 3\$00
L. Mauer, — Social Democracia 3\$00
R. Mata, — O principio do fim 3\$00
J. Most, — A proletária e o proletariado 3\$00
J. Most, — Peste religiosa 3\$00
João P. do Rio 5\$00
Definições sociais 5\$00
Horas anarquistas (versos) 5\$00
Trovas da Noite 1\$00
Roberto, o pescador 1\$00
Memórias do Parque de São João do Forte 7\$50
— Carnet de Pensamento 9\$00
J. Bakunine, — O sentido em que somos anarquistas 5\$00
Chueca, — Como não ser anarquista 5\$00
Lazare, — A Liberdade 5\$00
B. Etrivant, — A minha defesa 5\$00
J. Kropotkin 3\$00
Os bastidores da guerra 3\$00
Moral anarquista 5\$00
O espírito revolucionário 5\$00
O estado e o seu papel historico 15\$00
J. Guesde, — Lei dos Salarios 5\$00
Briand, — A greve geral 5\$00
Riland, — Rússia Nova 5\$00
O sindicalismo e os intelectuais 5\$00
D. Carvalho, — A gestão sindical no periodo revolucionario 5\$00
A. Hamon, — A crise do socialismo 5\$00
J. Santos, — A transformação da sociedade 5\$00
Neno Vasco 3\$00
Georgica 3\$00
Greve de inquilinos, teatro 1\$00
G. Archinoff, — A Revolução social e o Sindicalismo 5\$00
Carlos Rates, — Aditadura do proletariado 1\$00
Emílio Chapellier — Porque não creio em Deus 1\$00
Rodolfo Rucker, — O sindicalismo revoluc. e a organização operária 1\$00

OS MISTERIOS DO POVO 16-11-1926

o toque de carregar contra os inimigos da pátria. Para os combater é preciso que tenhamos audácia, muita audácia, sempre audácia, e só assim poderemos salvar a França.

Não posso descrever a impressão eléctrica que produziram no povo as palavras patrióticas de Danton, palavras ditadas pelo coração, e acompanhadas sempre pelo toque de rebatê, e às quais se juntavam ainda os viris acentos da *Marselheza*, cantada em côro pelas colunas de voluntários. A energia de Danton a todos deu ânimo, e excitou o mais possível o sagrado amor da pátria, despertando em todos a sede de vingança. Neste momento supremo, a matança dos prisioneiros era considerada por todos, burguezes e operários, como uma medida de salvação pública, medida extrema que muitos cidadãos deploravam, mas olhando-a como uma necessidade fatal, uma questão de vida ou de morte para as suas famílias, para a França, para a Revolução.

Foram afixados mais cartazes, com os novos decretos da Comuna de Paris, que se declarara também em sessão permanente.

O primeiro era do teor seguinte:

«A Comuna de Paris decreta e ordena:

«Artigo 1.º Todos os cavalos capazes de servir serão requisitados imediatamente, e entregues aos cidadãos que marcham para as fronteiras.

«Art. 2.º Todos os cidadãos devem estar prontos a marchar ao primeiro sinal.

«Art. 3.º Os que, pela sua idade ou doença, não puderem partir, devem entregar as suas armas nas secções, para serem armados os cidadãos pobres que querem voar à frente.

«Art. 4.º Serão fechadas as barreiras de Paris.

Paris, 2 de Setembro de 1792.

«Coulombeau.»

Este último parágrafo ordenando que se fechassem as barreiras, produziu nos circunstantes um sentimento de feroz alegria, e a todos os espiritos ocorreu este pensamento: «A Comuna manda fechar as barreiras para que nós não possamos escapar os inimigos do interior!!! Será mais fácil a obra de justiça.»

«A Comuna de Paris.

«Decreta:

1.º Os alistamentos far-se-hão nas secções, nos teatros, nas igrejas e nas praças públicas.

2.º Os cidadãos estrangeiros alistam-se-hão no paço municipal.

3.º Paris deverá fornecer imediatamente um corpo de sessenta mil homens.

4.º Os armeiros, serralheiros, ferreiros, irão à junta militar declarar que quantidade podem fornecer de espingardas, lanças, espadas, etc.

5.º Os caixões de chumbo serão derretidos para o fabrico de balas; os inválidos encarregar-se-hão desse trabalho.

«Paris, 2 de Setembro de 1792.

«Coulombeau.»

Neste terrível dia, tudo concorria para produzir na população uma sombria vertigem. Nem uma das ocorrências deste dia deixou de incitar o povo à matança dos prisioneiros.

— Viva a nação! Morram os traidores! — bradavam todos.

Os delegados da secção do Luxemburgo declararam à Comuna terem votado por unanimidade e inscrito no livro das deliberações «que era urgente expurgar as prisões antes de partir para as fronteiras.

Três outras secções tinham adoptado igual resolução, e todas o tinham participado à Comuna.

— A's prisões! A's prisões! — bradava o povo. Exterminemos os scelerados! Expurguemos as prisões! Abaixo as batinas! Morram os aristocratas!

Eu estava espantado. Já se não podia duvidar de que a opinião pública era pelo exterminio dos prisioneiros monárquicos. As secções enviaram os seus delegados à comuna para lhe notificar a urgência de expurgar as prisões. A comuna, por intermédio de Tallien, aprovava a matança; finalmente, Danton, ministro da Justiça, eleito pela Assembleia, aprovava-a também! Como se havia de lutar contra semelhantes convicções? Eu ainda o tentei, não ignorando que nisso arriscava a minha vida; porque, nestes momentos de efervescência popular, pronunciar-se contra a opinião geral é expor-se a passar por traidor. Subi a um banco que estava junto a mim, e exclamei num tom que traduzia todas as angústias da minha alma.

— Cidadãos! em nome da pátria e da revolução, escutem-me!

A minha palidez, as minhas lágrimas, o meu tom de súplica, impressionaram a multidão; restabeleceu-se o silêncio, e eu prosegui:

— Cidadãos! Imaginem que nós todos, patriotas aqui presentes, estávamos aqui encarcerados pelos nossos inimigos triunfantes... que eles se precipitavam na nossa prisão, nos surpreendiam indefesos, sem meios de fugir, e nos matavam a todos!... Não seria isto uma acção covarde e horrível?... E havemos nós de ir cometer semelhante atrocidade?

A minha voz foi abafada por gritos, apupos e imprecacões.

— E' um pateta!... Um traidor!... Um monárquico disfarçado!...

Morram os traidores!

Neste momento julguei que ia soar a minha última hora. Precipitaram-me do banco a que tinha subido, e logo me vi cercado, apertado pela multidão; fiz-me o uniforme em pedaços, e já uma espada se levantava sobre a minha cabeça quando um grupo de patriotas se interpoz entre mim e os meus adversários; arrancando-me às mãos que me arrastavam, cobrindo-me com os seus corpos e impellido-me para dentro duma porta, que se fechou assim que eu en-

trei. Eu caí desfalecido, e ainda ouvi a multidão bradar:

— Viva a nação!... A's prisões! A's prisões!... Morram os realistas!

Estava decidido. Ia fazer-se a matança. Eu tinha empregado toda a minha modesta inteligência e todas as minhas forças para fazer voltar aos princípios da verdadeira justiça este povo desviado. Tinha até arriscado conscientemente a minha vida para evitar o que me parecia um crime e um mal para a revolução; tinha cumprido até ao fim o meu dever, e por isso tinha a consciência tranquila.

O guarda-porta da casa onde eu tinha encontrado asilo, casa próxima da minha, prodigalizou-me, bem como a mulher, todos os cuidados. Ambos me conheciam de vista, como filho daquele bairro. Pouco a pouco me passou a comoção, e o porteiro emprestou-me um casaco para substituir o meu uniforme de guarda nacional, que estava feito em pedaços. Eu nunca esquecerei as palavras proferidas por estas excelentes criaturas no momento em que eu as deixava, agradecendo-lhes os socorros que me tinham dado. O guarda portão, que tinha sido testemunha da scena precedente, disse-me:

— Aqui para nós, o vizinho não tinha razão nenhuma ainda agora. Não! não tinha razão nenhuma, a pesar de ceder aos generosos impulsos do seu coração! Meu Deus! eu também tenho bom coração, e, tal como me vê, não era capaz de cortar o pescoço a uma galinha, mas nem por isso deixo de dizer que os que, neste momento têm a coragem de ir expurgar as prisões salvam a pátria e a nossa revolução, impedindo os inimigos de atear a guerra civil em toda a França e fazer pactos com os estrangeiros para a combater. Ai!... é bem terrível vê-se um povo obrigado a tal extremo! Mas a necessidade não tem lei. Trata-se de matar ou morrer, e, em tal caso, cada um trata de salvar a pele!

— Com certeza! disse a mulher do porteiro. E de quem é a culpa? Os aristocratas e os padres estão



O padre, cancro social

Eis um homem que passa de olhos no chão ou de olhar fito vagamente no espaço, sem se fixar nos outros homens a não ser quando estes o não podem ver.

Para ainda mais acentuar o carácter duplice e indeciso da sua individualidade, este homem é aparentemente uma mulher pois que veste saias, não usa barba, tem a pele setinosa como as damas e o andar participa um tanto do ondulado feminino...

A cor do traje reflete também o carácter deste vivente ou da sua missão nas sociedades: o de criar: ou é negra como a treva da ignorância que ele espalha e propaga, sombria como o crime que encarna; ou é vermelha como os apetites sanguinários da sua natureza, cor simbólica da impetuosidade e veemência das suas paixões; ou é roxa como a hipocrisia penitente da sua vida, roxa como a violeta cuja modestia quer imitar e que na violeta deste homem só serve para ocultar a tração pronta a ferir o adversário desprevidido.

Vêde o seu todo: aquela adiposidade da a conhecer a madracaria, apagação do seu viver. Aqueles lábios grossos são indicio da sua sensualidade. Aquele olhar infixo, amido encoberto, voltado aos céus, denota a dissimulação do seu pensar; aquele vago retraimento do seu corpo, que parece sempre prestes a fugir, descobre a cobardia da sua alma.

Misto de camaleão, porco, rapoza e hiena. As suas falas são untuosas, melifluas. As suas maneiras insinuantes, muitas vezes pegajosas, permitem-me a expressão: Dir-se-ia que em certas ocasiões, de toda a sua natureza golia a baba, escorre um pú oco que lhe facilita o escorregar-se por entre aqueles que, enojando-se com o seu contacto, não obstante pretendem apanhá-lo para o aniquilar sentindo com pesar que em virtude da oleosidade de todo o seu ser, se lhes escapa.

E contudo eis que em consequência dessas secreções repugnantes, conseguiu, como a lesma, a agarrar-se a esta ou aquela sociedade ou deslizar sem que o presintam.

Este homem que sem ser hermafrodita é, por assim dizer, meio homem meio mulher, castrado e sáfico, sodomita e fêmeo, esceta e libidinoso, ente inqualificável que afinal, em ultima análise, nem é homem nem é mulher, pois que ambas estas entidades nega, acervo híbrido de todas as incongruências sociais que censura e aproveita, este homem, dizia eu, é o padre!

Não nos iludamos.

Por mais belas que sejam as imagens que Vitor Hugo fez deste produto social, não há padres bons. Todos eles são perigosos; são missionários do erro, da mentira.

E, embora o grande poeta nos pintasse com mão de mestre um exemplar virtuoso entre os que mais o poderiam ser, a verdade é que, quanto mais virtuosos os padres são isto é quanto mais ricos daquela virtude convencional social religiosa, tanto mais nocivos, pois mais iludem e arrastam a humanidade de a servidão, a inconsciência e a inércia, à abjeção da vida, a impossibilidade solteira de todas as explorações.

Que nos importa que um padre seja virtuoso se ele, ministro de uma religião de mentira, é obrigado, como tal, a manter a sociedade no desconhecimento do que a cerca, na subserviência ao desconhecimento, na sujeição aos que a governam e exploram no terror do que não compreende nem vem ao padre que lhe expõem?

O padre vem, cheio de fé ou inconvinco, dizer-nos, por exemplo, que tem o poder de nos perdoar os agravos, ofensas, pecados que tenhamos cometido — não contra ele mas em prejuízo de outrem; que tem o dom de ler em nossas consciências; que só ele pode ser intermediário entre nós e Deus; que só ele nos pode encaminhar para o céu; que só ele poderá convencer o velho chavreiro Pedro a abrir-nos as portas do Paraíso.

Este homem dizendo tudo isto mente; tanto basta para que seja perigoso e daninho; para perpetuar um estado de coisas que é fonte de todos os sofrimentos da humanidade em benefício de uma ou várias castas agambaradoras do produto do trabalho dos crentes e supersticiosos miseráveis.

Como pode um padre, tendo ele a alma de um justo (?) acreditar que possui a faculdade de remir as ofensas, erros, crimes dos outros homens, éle que é tão susceptível de pecar como qualquer mortal?

E poderá garantir que em certo modo éle e os seus colegas não tenham concorrido para a existência do crime que vão julgar? Um homem que previra porque ignora, porque foi embrutecido por ideias falsas, desviado da verdade por mistificação religiosa, alienado nos seus vícios por uma educação jesuítica, não pratica um crime contra as leis da convenção social ou contra as leis inidivisíveis da natureza senão porque a isso foi levado pela influência do meio que o cerca na elaboração do qual foi agente ou factor, entre outros, o padre.

Portanto esse padre quando lança a absolvição sobre os delinquentes ou os condena a uma penitência, mente aos homens e a si mesmo.

Se tem a noção dessa mentira, é um impostor, um burlão. Se não tem, é idiota.

Em ambos os casos é um mal pela perniciosidade influência que o seu proceder vai operar nas massas ignaras.

Não há religião que, analisada friamente pelo espírito amante da verdade, se não revele um tecido de necessidades e de torpezas com um recheio de moral que a própria religião é a primeira a tornar ineficaz por motivo das suas contradições.

Como pode pois um homem ministrar semelhante cúmulo — despauteiros e immoralidades com a convicção de que faz obra meritória a não ser esse homem um inbecil?

Forçosamente é tolo e se não é teremos de concluir que é velhaco e mistificador!

Não vos deixeis pois iludir, oh povos, por esses tartufos de saias, incensados que negam a virilidade humana, santificam o ódio ao sol brilhante e vivificador da natureza; glorificam a noite do espírito, a humilhação servil, a renúncia à vida, a aversão à família que eles por condição abjecta nunca poderão compreender.

O padre é a entidade mais prejudicial que a fatalidade das coisas criou. Ele é o consagrador da torpeza social que nos esmagará.

Urge pois estirpar firmemente, rapidamente, implacavelmente sem contemplações algumas, este maldito cancro.

José Carlos de SOUSA

CARTA DO PORTO

Descreve-se em frases simples a odisseia dos condenados às galés dos trabalhos de cargas-e-descarga do Rio Douro

PORTO, 12. — Já dissemos, outro dia, quais as condições deploráveis, de vida constantemente arriscada, em que labutam os verdadeiros «condenados às galés» dos trabalhos de carga e descarga do rio Douro.

Neste género de serviços que ironicamente desmente toda a progressividade mecânica do nosso século, ingressam também, para maior fatalidade da existência humana, multíssimas mulheres de todas as idades, desde a menor à semi-proveta.

Isto é uma prova evidentiíssima de que em Portugal, especificadamente no Porto, as mulheres e os menores são cuidadosamente protegidos pelo peso brutal da ignóbil exploração capitalista.

Para a dignificação humana e para o estado vigoroso da raça, delicadamente cantada pela hipocrisia dos nossos patriotas, não há coisa melhor do que os exemplos flagrantes que aqui focamos...

A Ribeira, pois, área destinada aos forçados carregadores e descarregadores que vão ganhar vez para o seu estupidamente trabalho, ocorre também, em grande escala, o elemento feminino. Não é porque ele sinta o mínimo prazer em ter de andar bestialmente vergado sob os pesos brutos que lhe atiram para a cabeça habituada aos flagelos dos carretos desumanos. É porque as necessidades da vida exigente, e as impossibilidades de alcançar outro mister mais consentâneo com o seu sexo e, portanto, com as suas próprias forças, para tal o impelem, como único recurso.

E as mulheres, e as menores, para esquecerem as durezas de um labor brutal, lá vão saltando de barco para barco e do barco para a terra, a cantar modas alegres em voga, para que os seus corações tristes não se ressinam, tanto ao vivo do maltrato que os corpos que os arcaibojam recebem da luta-luta carregadora que as bestas regeitariam com a eloquência de uma boa aparelha bem aplicada...

Nos observamos há pouco, com estes olhos que a terra há-de comer, como um formigueiro de mulheres esvasiava uma barça carregada de tambores de carbono de cálcio, cujo peso bruto já de 50 a 108 quilos...

E essas desgraçadas, tendo à mistura menores, pisando um terreno que não era firme, calculando uma prancha em tal posição declivada que não era fácil a todo o mortal subil-la ou desce-la — lá transportavam, penosamente, esses 108 quilos de carbono de cálcio que as contorciam, que as abalavam pela continuidade arrastante de um serviço tão infernal... Elas trabalhavam, jungidas a uma maior exploração ainda do que os homens, desde manhã cedo até ao sol se esconder no horizonte — quando, por vezes, não têm de romper pela noite adiante com as cargas ou descargas de pesos sem limite, desproporcionais ao equilíbrio muscular do seu físico... Mas é aproveitar a maré, porque nem sempre há serviço ou o tempo o permite...

E elas lá se arruinam sob as pesadas sacarias ou sob os grandes gigos, com carvão, com enxofre, com várias drogas, com sal... De passagem é bom dizer que não é nada higiénico as mulheres trabalharem no descarregamento do sal, porque, estando no seu período de menstruação, a violência do serviço não se compadece com a cuidado que é preciso para evitar que nas-

quele produto, indispensável em todas as cozinhas, caia qualquer pinga, muito naturalmente, isto quando, seriamente apertadas, não vertem, disfarçadamente, águas... Há um outro serviço talvez mais estúpido a que as mulheres se sujeitam: é a condução de peças de ferro, para a qual têm de, muitas vezes, empregar posições verdadeiramente críticas, agarrando-se às peças, vergando-se, torcendo-se em todos os sentidos devido às condições dos empenos sem de tal ordem, que lhes dificultam o transporte... Por causa deste trabalho, há muitas mulheres que já estão deformadas, bastantes tortas...

E o aformoseamento da raça, a vitalidade da raça, a robustez das gerações saídas de um elemento feminino assim tão bem estimado — como se vê. Bem estimado e bem pago para um alimento de escassas sardinhas salgadas e aridas...

É por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo do que esmolavam a bordo ou do que por lá deixavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

Mas já agora aproveitemos o ensejo para falarmos dos elevadores da Corticeira — outra prova frizante do atletismo da raça feminina, cujas mãos estão aptas a dar uma sa, uma vigorosa reprodução...

Quem são os elevadores da Corticeira? Umhas pobres mulheres, umas pobres crianças, que sobem, ofegantes, o verdadeiro calvário que é a ingreme calçada da Corticeira — transportando sobre o dorso enormes feixes de carqueja, os quais, para melhor segurança de equilíbrio, são suspensos por uma corda passada pela cabeça dos tristes, dos amargurados elevadores...

E como a longa e empenada Corticeira não seja bastante, e como os pesados feixes, que mal deixam arrastar as condutoras vergadas, não sejam o suficiente para molestar a cabeça e pisar os rins — os elevadores humanos que são mães ainda levam pendurados na sua frente um ou dois filhos, pequeninos, para que eles precocemente vão aprendendo como, nesta sociedade maldita de bem amargurado, é bem duro, a pesar-de regado por tanto suor, o desgraçado pão dos que trabalham e são roubados...

No número desses elevadores enfileiram crianças, crianças de onze anos que vão emurchecendo à flor da vida sob o peso dos feixes, ou sob o peso dos desastres — porque os elevadores de vez em quando sofrem desastres, rebolando pela calçada...

Foi em obediência a este «fatalismo» dos nossos modernos tempos, que o elevador menor de 11 anos, Francisco Pereira, quando subia a escada do cas onde a carqueja é descarregada dos barcos rabelos, caiu desamparadamente, partindo uma perna e fracturando a cabeça — precisamente duas engrenagens principais para o movimento do elevador... E caiu, porque, indo com um feixe de carqueja superior às suas forças a forte ventania que tem feito, ficando-se-lhe na carga, a arrojou desabridamente em terra...

São estes os bons dias dos que trabalham, mesmo que sejam crianças!...

É esta a civilização, nomeadamente a portunense, da nossa época...

C. V. S.

IMPRESSÕES DA NAZARÉ

Um povo que vive embrutecido pela igreja e pela taberna

E a Nazaré uma terra onde a luz da instrução escassamente penetra. É igual a muitas outras, que sem uma educação necessariamente purificadora nos seus habitantes existem por aí fora.

Está à beira do oceano, no angulo formado pelo Sítio ao Norte e pela Pedreira a Leste, e a Oeste banhada pelo mar, confinando-a ao Sul o pequeno rio. Alcoa.

Suas ruas pouco, simétricas vão desembocar ao largo do comprido paredão que as resguarda do mar.

As humildes casas do sul, cujos habitantes pobres e bárbaros vivem em contínua promiscuidade, têm algo de tristes, dor e miséria. As do norte são vincadas pela mesma tristeza, mas a miséria, que caracteriza ao do sul não lhe é familiar. Porém, a miséria moral é comum às duas partes.

Estupidez, ignorância, subserviência manhosamente religiosa, eis o cunho que caracteriza este povo.

Construiu-se um paredão ao longo da praia; fez-se um pequeno hospital; colocou-se um ascensor na encosta do Sítio; há uma capítania e socorros a naufragos; levantou-se um teatro e um animatógrafo; e ultimamente pensou-se em fazer aluir lá o caminho de ferro e em instalar a electricidade. Mas tudo isto são coisas materiais, e não havendo da parte de quem as usufrui inteligência para as compreender e explorar jamais os seus frutos poderão ser benignos.

Há nas três povoações que compõem a Nazaré seis igrejas. A função destas já todos os raciocinadores, sabem... Mulheres, crianças e homens lá vão quotidianamente embebedar o pensamento com as palavras mansas e ardilosas do padre.

Para completar a obra da igreja também existe naquela terra praça de touros na qual o povo, que sai da igreja contrito e humilde, entra logo para manifestar-se, como sempre foi bárbaro e desumano. Ainda, para melhor e indispensável complemento da igreja e torpadas temos o futebol que, com a sua generalização, lá penetrou largamente.

Também são muito apreciadas nas três povoações 70 tabernas que se escancaram todos os dias desde alta madrugada até à meia noite.

Portanto, os habitantes da Nazaré, que atingem um número aproximado de 100.0, educados desde a infância na igreja, na taberna, e na torrada, enquanto aqueles males persistirem não poderão ter benefícios po-

sitivos. Porque, se algum progresso material já os báfejou, falta-lhes o progresso moral e intelectual. E sem este nada existe!

No geral, as mulheres trazem sobre os ombros e sobre a cabeça uma capa negra que lhes dá maior aparência de humildade e subserviência. Mas sob aquela capa negra e atroz dos seus olhos sem brilho e sem inteligência, mas expressando de mouro, onde latejam exaltações contínuas contra o seu viver que as atormenta e persegue com misérias mil. Várias vezes, de noite, passei ao pé de algumas, cabisbaixas, descalças, pensativas, que mormuravam pragas e cochichavam rancores...

Se algum barco está em perigo de nas vagas ficar despedaçado, as suas faces ressequidas e engheladas tomam expressões de um medo atroz, caem de joelhos, tremulos, a orar com as mãos e os olhos levantados para o céu, esperando misericórdia de um ente que não existe senão nas suas infantis imaginações.

Se há uma zanga entre filhos de mães diferentes, saltam estas para o meio da rua, anseando, gritando, batendo com o punho da mão direita na palma da mão esquerda, elevando os braços gesticulantes, rogando pragas e maldições. E tudo isto se passa no centro de uma assistência que ri e se deleita.

Depois de mutuamente se insultarem, lá vão, roncando, dizendo a esta ou aquela as suas razões, e toda a gente se retira.

São de uma psicologia essencialmente retrógrada. Aceitam os mais ingenuos milagres, regeitam o mais lógico raciocínio e combatem a ideia mais altruista. No entanto não é para produzir pânico uma psicologia desta ordem num povo onde a ciência não começou ainda com o seu bistrir porque na cidade taberna há muita gente boa e ilustrada possuidora de tal psicologia...

Após este leve esboço da vida em geral do povo da Nazaré, direi, acerca da organização associativa, que nem vislumbre, sequer, notei de vontade para a realização de um sindicato marítimo.

Os empregados no comércio morrem de apatia e cobardia. Pedantes como muitos de Lisboa, possuem o mesmo pensar snob dos ignorantes e dos indiferentes. E tanto assim é que o semanário que lá se publica, apesar de ter um carácter defensor das gentes abastadas daquela terra, se revoltou contra o abuso feito pelos honrados comerciantes de lá em não cumprir com o horário das 8 horas de trabalho, que às vezes chega a atingir, como notei, 10 e 12 horas. Quanto a este abuso limita-se o *Notícias da Nazaré* a aconselhar os patrões a usarem um horário igual ao parecido ao que adopta o comércio de Caldas da Rainha ou de Lisboa, preferindo o primeiro local.

Sobre o descanso semanal, transcrevo do referido periódico o seguinte bocadinho:

«Tivam-se comprometido — os honra-

CRÓNICA DO ESTRANGEIRO

A luta da diplomacia bolchevista contra o imperialismo europeu

A rivalidade britânica contra a Rússia determina que esta não estando mais adaptada em ciência política que os Estados burgueses, gasta energias e subtilidades em se preparar para todas as eventualidades.

A Inglaterra procura inutilizar a influência crescente da Rússia sobre os povos e nacionalidades orientais submetidos ao seu império. Ultimamente, voltando as atenções para a Turquia, a diplomacia britânica esforçou-se por afastar aquela república asiática das relações com a Rússia.

Os bolchevistas, porém, não necessitando de fomentar a revolução mundial desde que derivaram para o estreito e bárbaro nacionalismo, apressaram-se a atrair a Turquia para a sua órbita.

A missão do ministro turco de negócios estrangeiros junto do governo russo foi habilmente aproveitada pelo sr. Tchitcherine para consolidar tratados e convenções de «amizade» entre a diplomacia russa e a diplomacia turca.

A Rússia combate o imperialismo europeu, especialmente o britânico, como se fosse um estado imperialista, com a diferença de que fomenta o nacionalismo das nacionalidades rebeldes e insubmissas, não os dominando politicamente, mas agarrando-os à sua influência; e com a coincidência de não se preparar para a guerra, mas estar disposto a fazê-la.

Como se considerasse — o que em diplomacia é sensato e proveitoso — que a melhor maneira de combater o imperialismo britânico é formar uma barreira de defesa inexpugnável ao longo das suas fronteiras, a diplomacia soviética, que sabe lutar com armas iguais às da diplomacia capitalista, tem vindo a concluir pactos de aliança com os estados vizinhos.

Os pactos firmados têm o objectivo de criar dificuldades às ambições imperialistas da Grã-Bretanha no Próximo Oriente. Assim o dizem os diplomatas soviéticos.

A política externa dos russos não tem sido muito infeliz. Agora, por exemplo, a diplomacia soviética conseguiu pôr em cheque a Inglaterra e a Itália, que apoiava os esforços britânicos em torno da Turquia.

Na floresta negra

Os fascistas atacam com encarniçada amabilidade a «Action Française»...

PARIS, 15. — O chefe do *Feuilleton* francês, Georges Valois, director do *Nouveau Sigle*, declarou que, para pôr ponto numa campanha da *Action Française* contra o *Feuilleton*, mandou que uma desena de fascistas assaltassem e destruíssem o material da *Action Française*, sem atacar ninguém nem usar armas. Os fascistas cortaram o telefone e quebraram as vidraças, e foram repellidos a tiro de pistola. Os chefes da *Action Française* declaram que os agressores eram uns vinte, e que foram eles quem desfechou o primeiro tiro...

O lugar comum do burguês

Os bolchevistas de bem com a Turquia

ODESSA, 15. — Um comunicado oficial sobre a conferência entre os srs. Tchitcherine e Tewlik Bey, confirma as óptimas re-

lações russo-turcas, e o desejo dos dois países em as tornar mais íntimas e cordiais para consolidação da paz mundial. — (L.)

No sertão há comunistas?

LONDRES, 13. — Segundo notícias recebidas de Java os comunistas fomentaram uma revolta que foi dominada pelas tropas da guarnição holandesa. Os indígenas revoltados assassinaram alguns oficiais e funcionários holandeses, interromperam as comunicações e libertaram os presos das cadeias. — (L.)

A política dos estados

A Itália e a Alemanha não se zangaram

ROMA, 15. — O sr. Mussolini concedeu uma entrevista ao correspondente do *Deutsche Allgemeine Zeitung* na qual declarou não existirem divergências fundamentais entre a Itália e a Alemanha. O presidente do conselho mostrou-se satisfeito com o restabelecimento das relações comerciais e económicas, anunciando a assinatura duma convenção aérea e a próxima conclusão dum tratado político. — (L.)

Um deputado esloveno em liberdade

ROMA, 15. — O sr. Mussolini mandou pôr em liberdade o deputado esloveno Wilian. — (L.)

As boas disposições oficiais da Roménia

BUCARESTE, 15. — O soberano abrindo a nova sessão legislativa, confirmou a continuação da política externa pacífica e o respeito da Roménia pelos tratados, e salientou a visita do Duque de Spoloto e a conclusão dum pacto de amizade com a Itália. — (H.)

Da América do Norte

Um concurso de aviação

NEW-YORK, 13. — O concurso de aviação realizado em Norfolk para disputa da taça Schneider foi ganho pelo piloto italiano Bernardi, a quem foi definitivamente adjudicada a taça e o «record» dos 100 quilómetros, com a velocidade média horária de 246 milhas. — (L.)

Uma execução adiada

NEW-YORK, 15. — A execução do português Medeiros, condenado por assassinio, foi adiada para 27 de Janeiro, em virtude de o tribunal de jurados ter de julgar a sua declaração de ter participado num assalto a um cobrador, pelo qual estão condenados dois indesejáveis italianos, cuja sorte fica dependente deste julgamento. — (E.)

As sombras de um império

Hindemburgo não retira...

BERLIM, 15. — Desmentido-se o boato da renúncia do presidente Hindemburgo. — (L.)

O filho de Guilherme é vaiado

BERLIM, 15. — O ex-kronprinz foi alvo duma manifestação de desagrado, levada a efeito por alguns milhares de pessoas quando o filho do ex-kaiser se encontrava numa casa comercial. A polícia viu-se obrigada a intervir violentamente a fim de dispersar os manifestantes. — (L.)

FESTAS ASSOCIATIVAS

Sindicato dos Corticeiros de Lisboa

A Associação dos Operários Corticeiros de Lisboa no intuito de angariar receita para a compra duma bandeira sindical, realizou anteontem uma festa na Sociedade Musical 3 de Agosto de 1835, no Poço do Bispo.

A festa, que decorreu com a máxima correcção e brilhantismo, merecendo a coadiunicação do Grupo Solidarieidade Moscovite, terminou cerca das 21 horas, tendo principiado pelas 15. Fazia também parte do respectivo programa, uma palestra por Vergílio de Sousa. De facto pelas 15 horas Eduardo Braga, da associação promotora da festa, anunciou o início da conferência.

Vergílio de Sousa principiou por declarar que, embora o programa esteja incluído uma conferência, ele se não propõe fazer tal, mas sim uma simples palestra, deixando a explanação da teoria sindicalista aos veteranos do sindicalismo em Portugal. Entrando propriamente no assunto diz que através dos tempos se tem verificado uma luta entre duas classes distintas, a detentora do capital e a dos explorados. Desde os tempos remotos em que imperava o feudalismo até à situação presente em que impera a burguesia se tem verificado a exploração do homem pelo homem.

A Revolução francesa que marcou uma etapa para o desenvolvimento da mentalidade popular, ainda não foi decisiva para a emancipação integral do proletariado, e não o foi porque a grande massa do povo ainda não compreendeu o ideal sublime pregado por uma minoria que se esforça e estiola a dentro dos verdadeiros organismos da luta de classes.

O proletariado corticeiro como infelizmente quasi todo o proletariado tem levianamente esquecido o seu dever sindical, ao passo que a burguesia vai fortificando sobre todos os aspectos os seus sindicatos. Isto sucede simultaneamente com a falta de preparação educativa que os pais operários exercem nos seus filhos no sen-

tido revolucionário e emancipador, quando afinal se verifica que a burguesia adrexa os seus filhos para a perpetuidade da exploração do homem pelo homem. Desta pequena preleção se conclue que os operários têm o direito de usufruir tanto mais direitos, quanto mais eles tiver em contra e contribuir para o robustecimento dos seus organismos de luta de classes.

Referindo-se ao significado da festa, disse o seguinte: As bandeiras sindicais têm um significado diferente das que representam nacionalidades. Assim, enquanto estas constituem o símbolo da exploração e da ignorância, aquelas representam a solidariedade e o bem comum: enquanto as bandeiras da pátria representam a guerra, as bandeiras sindicais representam a paz universal.

O orador termina por exortar acaloradamente os presentes a unirem-se em volta, pois, da bandeira sindical, pois é esse o único caminho que conduz à emancipação integral dos trabalhadores.

A palestra terminou com vivas à solidariedade operária, à Batalha e à C. G. T.

Secção telegráfica

C. G. T.

Dr. Sobral de Campos: O nosso processo corre no 4.º juízo. Ajudante do escrivão Guedes.

O ramal de Cacilhas ao Barreiro

Em nome dos sócios da Associação de Classe dos Agricultores e Horticultores residentes no sul do Tejo e reforçando o pedido das câmaras municipais de Almada e do Seixal, o sr. O'Neill Pedrosa instou com o ministro do Comércio, no sentido de que no concurso para a concessão dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste seja incluída a obrigação da conclusão do ramal do Barreiro a Cacilhas, cujas principais obras de arte se encontram já concluídas.

A propósito de uma pretensão do funcionalismo

* Segundo consta, o ministro das Finanças já mandou ouvir o administrador geral da Caixa Geral de Depósitos acerca do pedido que lhe foi apresentado por alguns funcionários públicos no sentido de que o quantitativo dos adiantamentos a fazer pela mesma Caixa seja elevado, permitindo-se também o reembolso em 72 prestações mensais.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Para continuação dos trabalhos reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

Comunicações

Pessoal de Câmaras da Marinha Mercante Nacional. — Sob a presidência de António Gomes Amaral, secretário por Alfredo Felix Ferreira e João José Afonso, reuniu em assembleia, no p. p. dia 13, este sindicato com enorme assistência. Após o presidente da mesa expor quais as razões porque não são lidas as actas das sessões anteriores, foi dada a palavra à Comissão Administrativa que, representada pelos secretários geral e administrativo, apresenta à reunião um «relatório-parcer» acerca dalguns componentes da classe demitidos da mesma por uma assembleia geral efectuada em 20 de Maio último. Admitido o parecer, foi largamente discutido tendo a C. A. dado as explicações necessárias sobre a matéria contida no mesmo parecer, o qual não vai prejudicar a classe como é impresso da maioria da assistência. Exgotada a inscrição é posto à aprovação o documento em discussão, sendo aprovadas as suas conclusões por unanimidade. Entrando-se no 2.º número depois do delegado da classe expor a necessidade da nomeação de um outro delegado à Federação de Indústria Marítima, foi ventilado que já por conveniência de serviço sindical fosse nomeado Manuel Marques. É aprovado. Por fim é presente à assembleia a lista confeccionada pela Comissão Administrativa dos novos corpos gerentes para o ano de 1927. Finalmente exgotada a ordem de trabalhos é por Serafim Diniz Pinto apresentada uma proposta para que fosse readmitido na classe o 1.º dispensado do vapor *Nyassa*, documento este que vai brigar com as resoluções tomadas pela classe. Como este documento insere matéria que de momento não poderá ser apreciada, a Comissão Administrativa declarou à assembleia geral que já se encontra em correspondência com indivíduos componentes da classe que a podem esclarecer a fundo acerca dos sindicados que originaram o incidente havido com a tripulação do citado navio. Assim, é seu parecer ser extemporânea esta proposta e que a mesma comissão deixem a liberdade de averiguar o que há de positivo sobre o assunto, a qual depois trará a uma assembleia geral as conclusões a que chegar e então a classe resolverá em definitivo. Foi também aprovada uma moção de protesto contra a deportação de Miguel Correia, dos ferroviários do Sul e Sueste.

Convocações

REUNEM HOJE:
S. U. da Construção Civil — Secção Sindical de Belém. — Pelas 20 horas, em assembleia geral os operários desta secção para resolverem sobre assuntos de muito interesse.
Secção Profissional dos Carpinteiros. — Em assembleia geral, pelas 21 horas, com seguinte ordem de trabalhos: assuntos de interesse para a classe; tratar do aniversário e apreciar um officio do Comité Pró Prestos e mais expediente.
Profissionais da Imprensa. — Pelas 17,30 horas, assembleia geral, para prosseguimento dos trabalhos da sessão anterior.
Impressores Tipográficos. — A Direcção, às 21 horas.
Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles. — A Comissão Administrativa, às 23,30 horas.
S. U. Mobiliário. — Pelas 20,30 horas, a Comissão de Melhoramentos, para assunto urgente.
Manipuladores de